abc PORTUGAIS - FRANÇAIS Portuscale

www.facebook.com/museucombatente.oficial

Não ao Acordo Ortográfico

Num. 62 • Ano / An 3 • 13 de Agosto / 13 août 2016

• jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português •

La Turquie menace l'UE de rompre l'accord sur les migrants

« Erdogan poursuit ouvertement l'islamisation de l'Europe »
par Soeren Kern
Traduction du texte original: Turkey Sets Ultimatum for EU Migrant Deal

Des milliers de migrants, des hommes en majorité, se pressaient sur les quais de la gare de Vienne Oues,t le 15 Août 2015 - une scène très banale à l'été et à l'automne 2015. (Source de l'image: Bwag /Wikimedia Commons).

La Turquie a menacé de rompre l'accord par lequel elle s'est engagée à endiguer le flux des migrants en direction de l'Union européenne si les ressortissants turcs ne bénéficient pas d'une exemption de visa pour l'Europe d'ici octobre.

L'Europe est prise au piège. Les responsables européens reconnaissent que la Turquie a rempli la plupart des conditions, à l'exception des lois antiterroristes qu'Erdogan utilise pour bâillonner ses opposants, surtout depuis le coup d'Etat manqué du 15 Juillet.

Le journal allemand Bild a fait état d'un plan confidentiel pour cantonner tous les migrants en provenance de Turquie sur les îles grecques. Tous les modes de transport entre ces îles et la Grèce continentale seraient bloqués pour empêcher les migrants de se déplacer librement au sein de l'UE.

« Peu importe les méthodes grossières, impitoyables et sans scrupules des pays occidentaux ; ils n›ont aucune chance de réussir à contrôler les flux migratoires. » — Le président turc Recep Tayyip Erdogan, Cité par le journaliste allemand Wolfram Weimer.

La Turquie n'exige que l'Union européenne exempte les ressortissants turcs de visa. Si une décision en ce sens n'est pas prise d'ici octobre, la Turquie rompra l'accord par lequel elle s'est engagée à endiguer le flux des migrants en direction de l'Union européenne.

Les responsables turcs ont menacé à plusieurs reprises de revenir sur l'accord UE-Turquie signé le 18 mars ; mais là, pour la première fois ils fixent une date butoir.

Si l'UE approuve le programme d'exemption de visas, des dizaines de millions

Voir page 4

É o tal silêncio ensurdecedor, quer do Expresso, quer da Comunicação Social em geral, quer ainda de todos os partidos políticos...

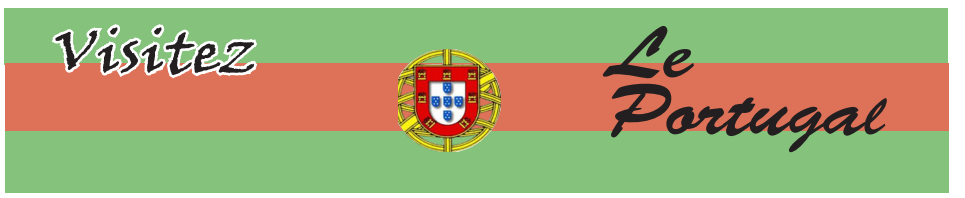
100 dias depois, o Expresso continua em silêncio

As horas passam, os dias passam, as semanas passam, os meses passam e não tarda muito começarão a passar os anos também. Era o grande escândalo do século, tudo que era cão grande estava lá metido, havia um saco azul do GES para pagar avenças a jornalistas e a grandes figuras de Estado e o colapso do sistema espreitava ao virar da esquina. O relógio, esse, não mais parou de contar.

Assinalaram-se recentemente 100 dias desde que o Expresso anunciou ao mundo uma lista com mais de uma centena de nomes citados nos *Panama Papers,* entre eles políticos e jornalistas, que receberam quantias provenientes de um saco azul do GES, que oscilavam entre *"pagamentos elevados"* e *"outros de poucos milhares".*

Poucos milhares. Desde então, as perguntas multiplicaram-se, o sindicato de jornalistas pediu explicações, a opinião pública pediu explicações, mas do outro lado apenas silêncio. Não se ouve uma mosca na redacção do Expresso. Nem com o Marques Mendes a declarar guerra às *offshores.*

Alguém viu por aí uns papéis do Panamá?



As árvores morrem de pé

Empresto este título à peça teatral que La Féria estreou nesta última semana no Politeama, em Lisboa, para juntar a minha voz a tantas outras que se têm manifestado sobre a tragédia nacional — outra que os Governos que se têm apoderado das rédeas e valores da Nação — que começa a ser *"uma tradição portuguesa das últimas décadas":* os incêndios florestais.

À primeira vista parece ser o resultado duma incúria governativa, — lembremos o desmantelamento do Serviço dos Guardas Florestais pelo Governo de Passos Coelho — desleixo que não se pode apenas apontar ao Executivo actual, por já ter efeito em muitos outros que foram passando, desgraçando cada vez mais este pobre país. A falta de planeamento para resolver qualquer problema de Estado é moeda corrente. Apenas nos momentos em que a tragédia se desenvolve e assume proporções quase inatingíveis, vêem as Avés-Marias e todo um cortejo de "soluções" e recriminações que de qualquer forma, se ficam por aí. A improvisação surge quando o mal já está fixado.

Já muito se tem falado sobre a quantidade enorme de detritos de vários tipos que abundam nas nossas matas. No Continente e nas Regiões Autónomas. Como actualmente na Madeira. Todos eles inflamáveis e portanto, a risco. E mantêm-se ao longo do ano e ao longo dos caminhos. Nada se limpa. Com as temperaturas elevadas que desde há anos se têm feito sentir, qualquer pequena faísca pode originar um foco de incêndio. O desleixo, faz o resto. Os resultados, esses são visíveis quase de imediato. Podemos perguntar porque não se aproveitariam os jovens, estudantes ou desempregados, pagos pelas Câmaras Municipais, para limparem o território em perigo, antes que o fogo se alume? Como diz um ditado árabe, creio, *"abre o poço antes de teres sede".*

No momento em que alinhavo este texto, surgiu uma notícia relatando como as faíscas escapando-se das rodas na travagem dum comboio na região de Santa-Comba-Dão, pegaram fogo à caruma que abunda junto da via-férrea, dando origem a incêndio que ocupou dezenas de bombeiros, esses heróis nacionais, que apenas não são recompensados com medalhas, por não praticarem nenhum desporto ou escreverem versos… O ordenado, tão diferente dos futebolistas, também não ajuda muito: 500 euros mensais não dá para fazer cantar um cego…No entanto, estão sempre lá quando o dever os chama. Entretanto, as vozes do Governo são contraditórias, uma senhora com posto importante no Governo Regional da Madeira, já decretou tragédia natural. Enquanto isso, a polícia deteve um indivíduo que acusa de crime de fogo posto….E, no MAI, em Lisboa, ouviu-se dizer:

"*A Madeira não tem condições para utilizar meios aéreos no combate aos fogos. É preciso ter postos de abastecimento e isso não existe, mas é algo que o Governo Regional da Madeira poderá equacionar*". **Ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa**, SIC Notícias. Alguém perguntou, a água toda à volta da ilha não serve?

Sabemos que nem sempre os incêndios são naturais. Há frequentemente muitas dúvidas sobre as suas origens, e em alguns casos foram apreendidos responsáveis que uma Justiça inoperante e irresponsável deixa em liberdade.

De notar que esta semana, por iniciativa de um funcionário público, uma Petição já assinada por cerca de 15 mil pessoas, exige penas de 25 anos de prisão para os incendiários. Muito? Não! Pouco! O tal povo que os Romanos já diziam que não se governava nem se deixava governar, os Portugueses, têm de aprender disciplina de vida e respeito pelo que é do outro. Do vizinho. Pelo Património Nacional. E para isso, quando as chamadas ao bom senso não funcionam, fica somente a força, a obrigatoriedade. A retaliação. A punição. E quanto mais dura for, melhor. Mais medo faz. Não pode haver palavrinhas piedosas, sementes do incomensurável politicamente correcto. As forças negativas da sociedade não se comovem nem compartilham com as boas falas. Só conhecem a rudeza. Então, que cada incendiário apanhado seja punido asperamente para poder desiludir e amedrontar outros eventuais seguidores. Num país que praticamente já nada tem de seu, destruir o pouco que existe é crime. E como tal deve ser punido. Com exemplaridade. E não venham os habituais pregadores da boa palavra, dos sentimentalismos, choramingar porque são drogados e alcoólicos, com infância difícil, pais desempregados e todas as misérias do mundo… Em anos atrás, muitos de nós aprendemos a viver na dificuldade e conseguimos triunfar da adversidade. Mas, contrariamente aos viciados da droga e outros parasitas que morrem nos passeios ou em ocultos espaços, as árvores a que eles metem fogo, e os combatentes do fogo, vítimas inocentes dessa canalha, morrem de pé.

Raul Mesquita

Hillary Clinton, ses livraisons d'armes aux djihadistes en Syrie, son financement par l'Arabie Saoudite,…

Médias-Presse-Info

Julian Assange, fondateur de Wikileaks, dévoile différents documents au sujet d'Hillary Clinton qui montrent comment elle a utilisé la Libye pour fournir des armes aux djihadistes en Syrie lorsqu'elle était secrétaire d'Etat.

« Les liens entre l'Arabie Saoudite et Hillary Clinton, entre l'Arabie Saoudite et Clinton Foundation sont très étroits. Il se peut même que l'Arabie Saoudite soit le plus gros donateur de cette fondation. Regardez donc quelle politique en matière d'exportations d'armements était menée par Mme Clinton quand elle était secrétaire d'État durant le premier mandat Obama », a également déclaré M.Assange à la chaîne RT qui propose différents extraits sous-titrés en français de cet entretien.

NB: Voir dans cette édition d'autres articles sur le même sujet.

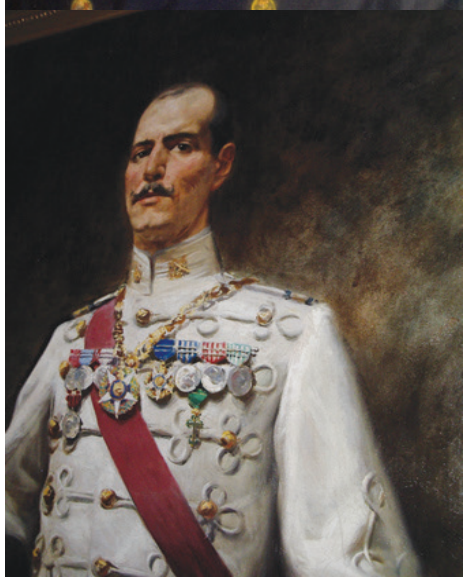
RM

Deuxième République portugaise (dictature militaire)

Mendes Cabeçadas (1883 - 1965)
9ème président, 28/05/1926 - 17/06/1926

Mendes Cabeçadas, né le 19 août 1883, à Loulé. Après la démission de Bernardino Machado, président de la République, qui renonce à son mandat, Bernardino Machado remet tous les pouvoirs à Mendes Cabeçadas. Le 1er juin, Gomes da Costa et Mendes Cabeçadas essayent de créer une entente et de former une junte, mais Gomes da Costa, représentant des fractions les plus conservatrices, refuse de former une junte, puis il déclare à Coimbra : *« Je ne veux pas la dictature militaire ».*

Gomes da Costa (1863 - 1929)
10ème président,
17/06/1926 - 09/07/1926



Gomes da Costa est né le 14 janvier 1863, à Lisbonne. Gomes da Costa, suite au coup d'État du 28 mai 1926 et la démission de Bernardino Machado, le 17 juin 1926, le général Gomes da Costa s'empara de la plénitude du pouvoir. Son passé lié au Parti radical inspirait peu de confiance aux différents mouvements de droite. Le 17 juin, Gomes da Costa réussit à écarter Mendes Cabeçadas du gouvernement et décrète une série de mesures dictatoriales, ainsi que des mesures pour la défense de l'économie nationale, la révision des lois sur la famille, la religion et l'enseignement. Ensuite, Gomes da Costa radicalise davantage sa position, en écartant les éléments encore modérés et en intégrant les éléments profascistes ainsi que les adhérents à une dictature militaire. C'est le gouvernement de Gomes da Costa. Le 6 juillet 1926, les républicains conservateurs, avec l'aide de la Grande-Bretagne, parviennent finalement à démettre le général Gomes da Costa qui s'est alors exilé aux Açores. Note : Les sociétés secrètes, aussi bien à gauche qu'à droite, eut une énorme influence sur l'évolution politique de la Première République. C'est à gauche que l'on trouve les plus importantes : la Carbonária et la Maçonaria. Pour mieux combattre la monarchie, la Carbonária était sortie de la Maçonaria. Á la fin de 1913, que l'on estime le nombre des francs-maçons portugais à plus de 4 000, répartis sur 200 loges. Aussi bien dans les ministères comme dans le Parlement, les francs-maçons étaient nombreux. Trois présidents de la République appartinrent à l'ordre ; Bernardino Machado, Sidónio Pais et António José de Almeida. Aussi, le 9 juillet 1926, le général monarchiste Sinel de Cordes, provoque un nouveau coup d'État militaire. Gomes da Costa est envoyé dans un exil aux Açores, et il est remplacé par un autre militaire, le général Óscar Carmona, ministre de guerre depuis 1923, profita du coup d'État du 28 mai 1926, pour accéder au pouvoir et dès le 3 juin, Óscar Carmona est nommé ministre des Affaires étrangères (3 juin-6 juillet 1926), et le 9 juillet, il est nommé président de la République. La dictature s'était donné pour objectif principal, le maintien de l'ordre dans le pays. D'une anarchie civile, le Portugal passe à une anarchie militaire.

Deuxième République portugaise ou l'État Nouveau

Óscar Carmona (1869 - 1951)
11ème président, 09/07/1926 - 18/04/1951

Óscar Carmona est né le 24 novembre 1869, à Lisbonne. Républicain initié dans la maçonnerie, il est nommé par le gouvernement républicain du 15 octobre 1910, membre de la commission de restructuration de l'armée portugaise. Óscar Carmona fut un des lieder du coup militaire du 26 mai 1926. Il est nommé ministre des Affaires étrangères du juin à juillet, 1926, puis ministre de guerre du 9 juillet au 29 novembre 1926. Il est nommé président de la République par intérim, puis il est élu président de la République le 16 novembre 1926. Après le coup d'État du 28 mai 1926, d'une anarchie civile, le Portugal passait à une anarchie militaire. Différentes révoltes unissant des militaires et des civiles éclatèrent dans le pays. Vu la situation économique catastrophique du pays, qui continue à s'aggraver, António de Oliveira Salazar, alors professeur à la Faculté de droit de Coimbra, est nommé ministre des Finances par Óscar Carmona. Dès le 24 juillet 1926, Salazar est chargé par le gouvernement de réorganiser les contributions et les impôts. En août, le nouveau gouvernement crée la police spéciale de Lisbonne, police politique.

Le 11 septembre, soulèvement à Chaves contre la dictature militaire imposée au pays par le mouvement du 28 mai. Le 30 septembre et pour calmer les partisans de Gomes da Costa, le gouvernement le nomme maréchal. Gomes da Costa s'exile aux Açores. Dès le 29 novembre, la dictature militaire occupe le poste de la présidence de la République et Óscar Carmona est nommé chef de l'État. Dès 1927, est créée à Lisbonne de la police spéciale d'information et la répression contre les syndicats et la presse s'intensifie. João Sarmento Pimentel, opposé à l'État Nouveau de Salazar, part en exil pour le Brésil. Divers partis et mouvements (dont les principaux sont le parti républicain, Seara Nova, le Parti socialiste portugais, le parti républicain nationaliste) présentent auprès des ambassades de Grande-Bretagne, de la France et des États-Unis une pétition officielle contre le nouveau régime en place. António Sérgio et David Rodrigues réussissent à quitter le Portugal. Tous les signataires sont arrêtés et déportés. Les républicains se révoltent à Porto et à Lisbonne dans le but d'obtenir la démission du gouvernement et le retour à la Constitution. C'est la révolution/bloc reviralhista. Révolte militaire à Porto et à Lisbonne contre la dictature avec la participation de João Soares et d'Aquilino Ribeiro entre autres. La révolte militaire va provoquer près de 100 morts, plus de 400 blessés et 700 maisons détruites à Lisbonne. João Soares est arrêté par la Pide. Aquilino Ribeiro, Afonso Costa et José Domingo dos Santos s'exilent à Paris. Plus de 1 000 personnes ont été déportées vers les colonies portugaises, sans aucun jugement. Le maréchal, Óscar Carmona, réprime le soulèvement populaire et publie un décret qui interdit la grève. Dès février 1927, quelques politiques, et quelques intellectuelles, comme Jaime Cortesão (médecin du CEP dans les Flandres durant le conflit de la Grande guerre de 1914-1918), et António Sérgio fondèrent à Paris la Ligue de Défense Républicaine (Liga de Defesa da República) appelée la Ligue de Paris (Liga de Paris).

La situation catastrophique des finances de l'État continue à s'aggraver. Les militaires eurent recours à des emprunts à l'étranger, en particulier auprès des banques anglaises et françaises - dans le cadre de la Première Guerre mondiale, la dette du Portugal à l'Angleterre atteint plus de vingt-trois millions de livres - Óscar Carmona, candidat unique est élu président de la République, le 25 mars 1928, alors président de la République par intérim. Il rappelle Salazar aux finances. Celui-ci n'accepta le portefeuille des finances qu'à la condition expresse de superviser les budgets de tous les ministères et d'avoir un droit de veto sur toutes les augmentations de dépenses. Pour 1928-1929, il a pu présenter un budget prévisionnel comportant un solde positif. En 1931, Salazar aligne de l'Escudo portugais et de la livre anglaise. L'escudo est une des monnaies les plus fortes au monde (110 escudos valent 1£), et, en 1936, l'Escudo, la monnaie portugaise, est forte, au même titre que les monnaies de Suisse, d'Angleterre et des États-Unis. Le 21 janvier 1930, le nouveau président du Ministère, Domingos da Costa Oliveira, permet à Salazar d'occuper, outre les fonctions de ministre des Finances, celle de ministre des Colonies. Salazar obtient aussitôt la démission de Norton de Matos, gouverneur de l'Angola et propose un *«acte colonial»* qui doit renforcer *«l'idéologie impériale et la capacité civilisatrice du Portugal»* et réformer les colonies. Lors des commémorations de la quatrième année de la révolution du 28 mai, Salazar prononce un discours. *«Dictature administrative et révolution politique».*

Présenté déjà comme le *«sauveur»* du Portugal après le crash économique de 1929, Salazar assume désormais une position prédominante. C'est encore lui qui prononce le discours principal lors de la présentation du nouveau parti qui doit être «la base de la patrie», l'Union nationale (União Nacional), futur parti unique. Salazar impose une série de plans pour réorganiser l'économie qui doit être *«corporatiste, protectionniste, traditionaliste».* Interruption de l'implantation de nouvelles industries étrangères au Portugal avec de nouveaux procédés. Le 24 juin 1932, le chef du gouvernement de la dictature militaire, Domingos de Oliveira, devant le prestige de plus en plus grand de Salazar, présente sa démission. *(suite dans le prochain)*

por Manuel do Nascimento / Paris

cont. de la page 1

de Turcs seront autorisés à voyager sans entrave dans chacun des 26 pays membres de l'UE. Si le programme d'exemption de visa n'est pas signé, la Turquie rouvrira en représailles, les vannes de l'immigration autorisant ainsi des millions de migrants en provenance d'Afrique, d'Asie et du Moyen-Orient à gagner la Grèce dès l'automne 2016. L'Europe prise au piège est perdante dans tous les cas...

L'accord migratoire entré en vigueur au 1er Juin, a été négocié à la hâte par des dirigeants européens désespérés d'avoir perdu le contrôle d'une crise migratoire qui a vu plus d'un million de migrants se déverser sur l'Europe en 2015.

L'accord prévoit que l'UE indemnise la Turquie à hauteur de 3 milliards €, exonère 78 millions de citoyens turcs d'une obligation de visa pour tous les pays membres de l'Union européenne et relance les négociations d'adhésion de la Turquie à l'UE. En échange, la Turquie récupèrera tous les migrants et réfugiés qui arrivent en Grèce au départ de la Turquie.

À plusieurs reprises, les responsables turcs ont accusé l›UE de ne pas respecter sa part du marché.

Le 25 juillet, le président turc Recep Tayyip Erdogan a déclaré à la chaîne de télévision allemande ARD, que la Turquie n'avait encaissé que 2 milliards € sur les 3 milliards qui ont été promis : *« Les dirigeants européens sont malhonnêtes,* » a-t –il expliqué. *« Nous avons tenu notre promesse. Les Européens tiendront-ils les leurs ? »*

L'UE insiste de son côté sur le fait que les 3 milliards € ne peuvent être transférés qu'à travers les Nations Unies et diverses agences d'aide internationales, conformément aux accords internationaux : *« le financement au titre du Programme d›aide aux réfugiés a pour but de venir en aide aux réfugiés de Turquie »,* a déclaré l'UE dans un communiqué. *« Il s›agit de financer les réfugiés et pas la Turquie ».*

Le 31 juillet, Mevlüt Cavusoglu, ministre turc des Affaires étrangères, a déclaré au Frankfurter Allgemeine Zeitung, que le gouvernement turc attend de l'UE qu'elle fixe une « date butoir » sur le programme d'exemption de visa : « ça peut être au début ou à la *mi-Octobre, mais nous attendons une date précise »,* a-t-il dit.

Cavusoglu a ajouté que ses déclarations « ne représentaient en aucun cas une menace », mais que « sans *l'exemption de visa, la Turquie se sentirait dégagée de toute contrainte vis-à-vis de l'accord migratoire conclu le 18 Mars ».*

Selon l'accord, les responsables européens ont promis d'accélérer l'exemption de visas pour les ressortissants turcs désireux d'accéder à l'espace Schengen (sans frontières) d'ici au 30 Juin, et de relancer les négociations d'adhésion de la Turquie à l'UE dès la fin juillet 2016.

Concernant le programme d'exemption de visas, la Turquie avait jusqu'au 30 avril pour satisfaire à 72 conditions : sécurisation des passeports turcs aux normes européennes ; partage des informations sur les documents falsifiés et frauduleux utilisés pour voyager dans l'UE ou l'octroi de permis de travail aux migrants non-syriens en Turquie etc.

Les responsables européens reconnaissent que la Turquie a rempli la plupart des conditions, sauf la plus importante : desserrer l'étreinte des sévères lois antiterroristes qu'Erdogan utilise contre ses opposants, notamment depuis le coup d'Etat manqué du 15 Juillet.

Le commissaire européen Günther Oettinger a récemment déclaré qu'il n'estimait pas possible d'exonérer de visa les citoyens turcs désireux d'accéder à l'Union européenne en raison de la répression exercée par Erdogan après le coup d'Etat raté.
Les autorités turques ont arrêté plus de 15.000 personnes et pas moins de 60.000 fonctionnaires, enseignants, journalistes, policiers et soldats ont été licenciés ou suspendus de leurs fonctions par différentes institutions et ministères publics.
Les négociations relatives à l'adhésion de la Turquie à l'UE ont également été stoppées après qu'Erdogan ait menacé de rétablir la peine de mort en Turquie. Oettinger a déclaré: *« la peine de mort est incompatible avec notre hiérarchie des valeurs et nos traités. Aucun Etat ne peut devenir membre de l'UE s›il introduit la peine de mort ».*

Erdogan a alors indiqué que l'adhésion à l'UE ne présentait plus d'intérêt pour lui *: « nous irons notre chemin, vous irez le vôtre »* a-t-il dit.

Parallèlement, les responsables grecs ont signalé que, depuis la tentative de coup d'Etat, le nombre de migrants débarquant en Grèce en provenance de Turquie est en augmentation significative. Les observateurs disent qu'Erdogan utilise les migrants pour faire pression sur la Grèce afin que ce pays extrade huit officiers turcs qui ont participé au coup d'Etat et ont fui vers la Grèce. Athènes a jusqu'à présent refusé de les extrader en Turquie.

L'accord sur les migrants menaçant de capoter, les responsables européens tentent d'élaborer un « Plan B ». Le journal allemand Bild a récemment fait état d'un plan confidentiel pour cantonner les migrants en provenance de Turquie sur les îles grecques de la mer Égée. Tous les transports entre les îles et la Grèce continentale seraient coupés pour empêcher les migrants de se répandre au sein de l'Union européenne.

Ce plan, qui selon Bild serait discuté au plus haut niveau de l'exécutif européen, aurait pour effet de transformer des pans entiers de la Grèce en un immense camp de réfugiés sur une période indéterminée. Il est difficile de savoir si les dirigeants grecs auront leur mot à dire sur le sujet.

L'Union européenne se trouve aujourd'hui dans une situation sans issue. Un grand nombre de migrants musulmans iront en Europe, que l'UE approuve ou non un quelconque programme d'exemption de visa.

Les détracteurs du programme d'exemption de visas craignent que des millions de ressortissants turcs ne finissent par migrer vers l'Europe. Le magazine autrichien, Wochenblick, a récemment indiqué que 11 millions de Turcs vivent sous le seuil de pauvreté et *« nombre d'entre eux rêvent de déménager en Europe centrale ».*

D'autres analystes pensent qu'Erdogan voit l'exemption de visa comme une opportunité d' *«exporter»* le «problème kurde» de la Turquie en direction de l'Allemagne. Selon Markus Söder, ministre des Finances de Bavière, des millions de Kurdes n'attendent que l'exemption de visa pour gagner l'Allemagne et échapper aux persécutions d'Erdogan : *« Nous risquons d'importer un conflit interne à la Turquie,* a-t-il prévenu . *« En fin de compte, moins de migrants arriveront par la mer, mais beaucoup plus débarqueront par avion ».*

Dans un essai rafraîchissant et perspicace, Wolfram Weimer, journaliste allemand bien connu, a écrit qu'Erdogan exploite les faiblesses stratégiques de l'Europe pour avancer les pions de l'impérialisme turc et islamiser le continent :

Il y a quelques jours Erdogan a déclaré : *« Peu importe les agissements grossiers, impitoyables, et sans scrupules des pays occidentaux, ils n'ont aucune chance de maintenir les flux migratoires sous contrôle ».* En résumé, le dirigeant turc utilise la migration de masse comme une arme politique contre l'Europe. Dans les milieux diplomatiques et militaires, le mot le plus couramment employé pendant des mois était « arme migratoire » parce que les services secrets turcs ont délibérément et massivement encouragé les réfugiés musulmans à migrer vers l'Europe.

La Turquie gagne énormément d'argent sur toutes sortes de services liés aux flux migratoires au point d'avoir fait fleurir une industrie du réfugié. Parallèlement, Erdogan poursuit ouvertement l'islamisation de l'Europe. Avec son bras armé Diyanet [une direction gouvernementale turque chargée des Affaires religieuses qui réalise des centaines de mosquées en Europe], l'Europe (et en particulier l'Allemagne) subissent une islamisation planifiée. Dans ce processus, les réfugiés jouent un rôle clé, comme les mosquées, pour donner une *« maison »* aux fidèles en terre étrangère.

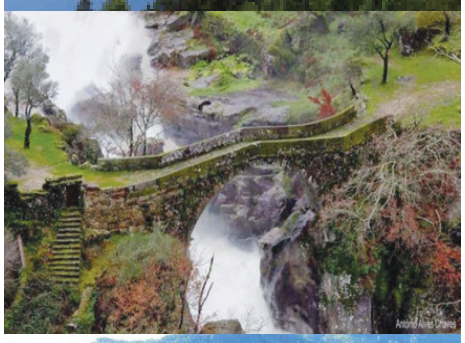
La citation préférée d'Erdogan est un vers tiré d'un poème de Ziya Gökalp [1876-1924, un père du nationalisme turc] : *« Les mosquées sont nos casernes, les minarets nos baïonnettes ».* Erdogan se voit à l'échelle nationale et internationale comme un guerrier culturel religieux - comme le saint patron de l'expansion islamiste.

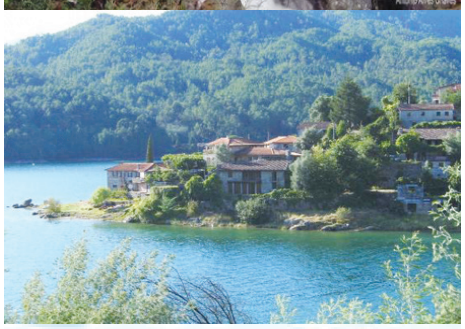
Soeren Kern est Associé principal de Gatestone Institute qui est basé à New York. Il est également Associé principal pour la politique européenne du Estudios Estratégicos / Groupe d'Études Stratégiques basé à Madrid. On peut le suivre sur Facebook et Twitter. Son premier livre Global Fire, - Incendie Mondial - sera publié en 2016.

Can Stock Photo - csp6744756

Rosa dos Ventos

Rose des Vents





Une promenade au Gerês

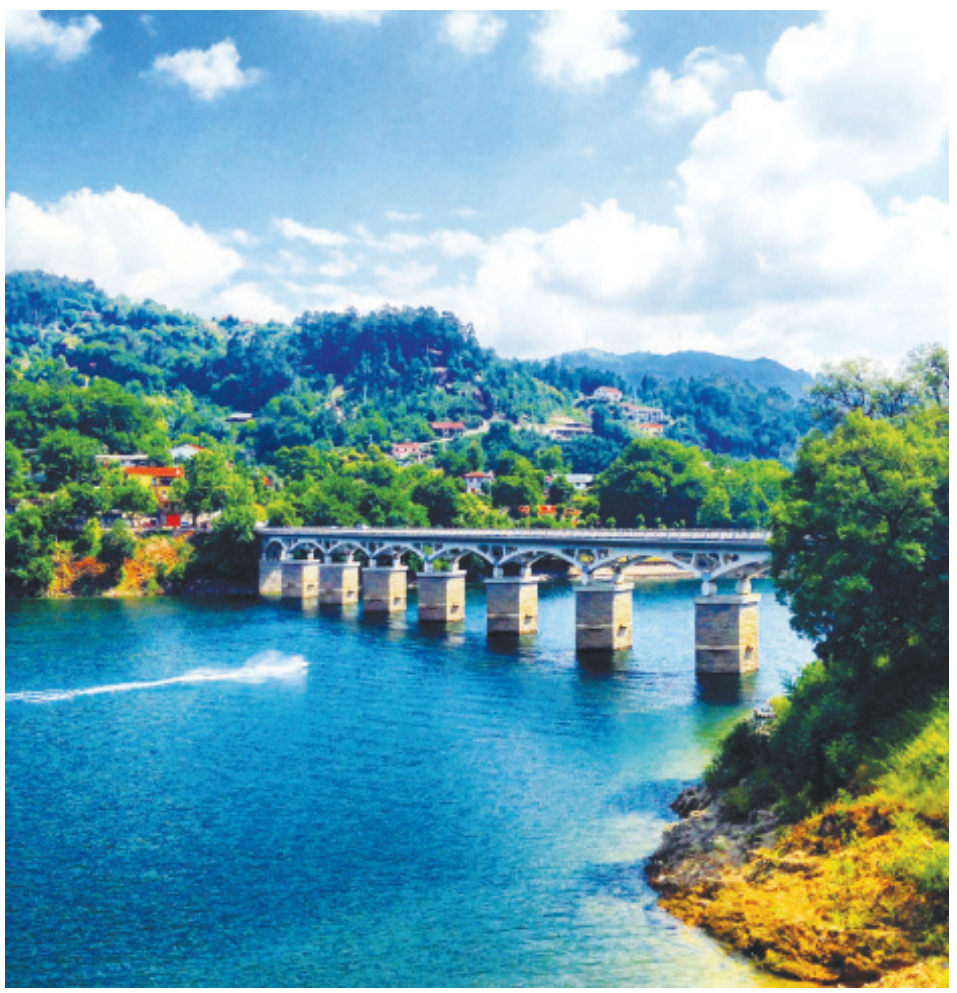
- visiter le centre d'éducation environnementale de Vidoeiro et demander des renseignements aux portes du parc
- faire de courtes randonnées pédestres sur des sentiers balisés
- admirer le coucher de soleil sur le barrage, à partir de l'hôtel de luxe, Pousada da Caniçada

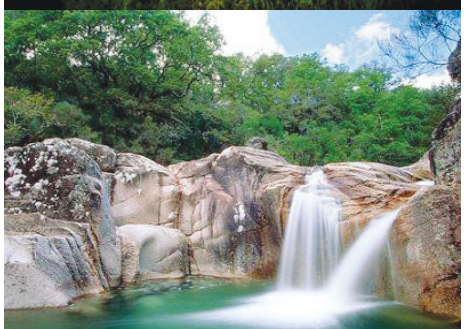
Le parc national de Peneda-Gerês, à l'extrême nord-ouest du Portugal, entre la région de l'Alto Minho et celle de Trás-os-Montes est la seule zone protégée portugaise classée parc national.

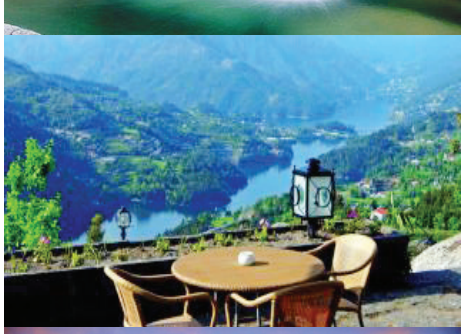
C'est un monde à part où l'activité humaine s'intègre de façon harmonieuse dans la nature, en préservant des valeurs et des traditions très anciennes, bien visibles dans les villages communautaires de Pitões das Júnias et de Tourém.

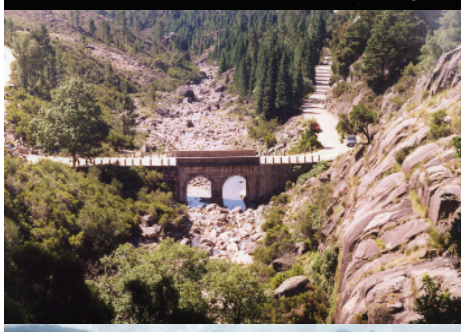
Avec toutes les tonalités de vert, la végétation exubérante comprend une forêt de houx, unique au niveau national, et des espèces endémiques comme le lys du Gerês qui égaie la campagne avec ses tons bleu-violet. Dans les serras de Peneda, Soajo, Amarela et Gerês, massifs qui font partie du parc, coulent des rivières et des fleuves qui se précipitent en cascades pour former ensuite des lacs. Les paysages sont merveilleux.

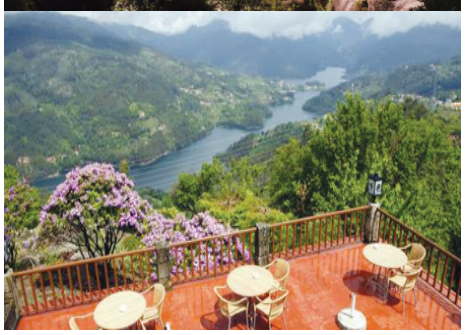
Parfois, vous pouvez apercevoir un chevreuil (symbole du parc) ou son prédateur, le loup ibérique. Les garranos, poneys sauvages qui courent librement dans les montagnes, sont plus communs. Vous pouvez aussi trouver des bovins de race « barrosã » et des chiens de Castro Laboreiro, au poil foncé, gardant les troupeaux qui se déplacent au rythme des saisons entre les hauts pâturages et les terres des plaines. Il s'agit de villages et de zones de la serra liés à l'ancienne transhumance, où les habitants ne déplacent désormais que le bétail : des vallées et des terres à basse.











Um negócio chamado... "União Europeia"

Por NUNO MATIAS

A União Europeia... para os mais inocentes ou para aqueles que mentem descaradamente é uma união de Cidadãos que permite termos uma vida mais confortável e/ou mais próspera. No entanto, a Realidade, por ser mais criativa que a Ficção, prova-nos que não é bem assim.

Ora bem, só no Continente Americano existem 4 Nações Federais que são subdivididas em vários Estados. Temos o Canadá com 13 Estados; temos os Estados Unidos da América com 50 Estados; temos os Estados Unidos do México com 16 Estados e temos a República Federativa do Brasil com 25 Estados. Todas estas 4 Nações decidiram "partir" os seus Territórios em vários Estados apenas por uma mera gestão administrativa, nada mais.

Agora vamos aos factos. Para isso, vou pedir-vos que assistam ao documentário seguinte que se intitula *"The Brussels Business"* (clicar no link) e que está somente em inglês. No passado dia 27 de Junho, a RTP 3 transmitiu este documentário a uma hora tardia e nem o colocou no seu Portal Web, o *"RTP Play",* como é apanágio. A razão!? Depois de 1 hora e 25 minutos de documentário, perceberão...

Agora que já sabem o que é a ERT ou "European Round Table of Industrialists" e depois de clicarem no respectivo link para acederem à sua Página Oficial, começam a perceber o que realmente é este negócio oligárquico chamado "União Europeia". No entanto, decidi alargar-vos um pouco mais os conhecimentos para que possam perceber eventos recentes como os "Panamá Papers" e o "Brexit". Na Economia Actual, o Conceito em que Pessoas tinham uma quota parte em Empresas é algo completamente ultrapassado. Com o advento da Economia de Mercado e com o aparecimento das Bolsas, as Grandes Empresas e/ou as Holdings têm a Banca e/ou Financeiras como Principais Accionistas. Assim sendo, quando decidem fazer compras num Hipermercado, quando compram um carro ou quando decidem viajar de avião, não estão a comprar produtos (no sentido clássico do termo), bens e serviços, estão sempre a adquirir Produtos Financeiros.

Quando a Banca e as Empresas Financeiras se mascaram de vendedoras de produtos, bens e serviços e quando facilitam créditos para poderem escoar esses mesmos produtos, bens e serviços, assistimos a uma completa expropriação da pouca riqueza que as Classes Média e Baixa conseguem obter. Por outras palavras, aquilo que na gíria se chama de *"Neo-Liberalismo"* por somente uma pequena Elite é que beneficia directa ou indirectamente dessa expropriação.

Para cúmulo, a Banca e as Financeiras que são donas de Empresas de Produtos, Bens e Serviços não querem ter grandes lucros porque não querem pagar impostos. Então recorrerm a *Offshores.* Quando existe uma *"corrida desenfreada"* a esses Offshores, começam a haver suspeitas e, por conseguinte, geram-se casos como os ***"Panamá Papers".*** Ora, sabendo que existe uma expropriação às Classes Média e Baixa e sabendo que estas Holdings não pagam impostos, é natural que comece a faltar liquidez nos Bancos Centrais. Assim sendo, estas Holdings, além de empobrecerem Cidadãos, estão também a empobrecer Nações ao extrair o dinheiro dos seus Bancos Centrais para os seus Cofres Privados.

Assim, chegamos à conclusão que a União Europeia é um "Braço Político" da ERT para possibilitar o empobrecimento das Classes Média e Baixa e para roubar (sim, o termo é mesmo este) os Bancos Centrais. A existência de várias Moedas como o Escudo, a Peseta e o Marco eram um pesadelo logístico para roubar os Bancos Centrais. Para facilitar este roubo, o Braço Político da ERT decidiu criar uma Moeda Única Europeia denominada **"Euro"** com a desculpa que facilitava as trocas comerciais. Por outras palavras, o objectivo foi atingido com sucesso.

Agora vamos explicar o "Brexit" com base na ERT...

Se repararmos na Lista de Holdings que são Membros na ERT dispensada aqui, reparamos que a Alemanha e a França contribuem com 8 Holdings, o Reino Unido com 6 Holdings e os Países Baixos com apenas 5 Holdings. Todos os outros não passam de 1, 2 ou 3 Holdings, excepto a Itália que tem 4 Holdings. Por outras palavras, temos na ERT uma clara demonstração do Eixo Franco-Alemão que controla a União Europeia. Se observarmos esta Lista, reparamos que a Suíça está representada com 3 Holdings sem pertencer à União Europeia... Pois bem, a Suíça não pertence à UE por ser um Paraíso Fiscal e, como é sabido, é sempre bom ter um Paraíso destes dentro do nosso "quintal", não é!? Além do mais, convém ter a Nestlé fora de portas mas bem perto por ser a principal responsável pelo "Conflito da Água" e cliente da infame Monsanto.

O Reino Unido não é uma Offshore e, além do mais, na ERT estão as seguintes Holdings:Vodafone Group; a Centrica PLC; a Rolls Royce (não esquecer que é a maior fornecedora de motores para a Airbus); a ArcelorMittal; o Rio Tinto e a BP. Sabendo isto e sabendo que a decisão do "Brexit" foi uma decisão soberana do Povo Britânico, é de fácil compreenção que a ERT e a União Europeia não queiram ver os lucros destas empresas a sair do Produto Interno Bruto da UE. Por outras palavras, o "Brexit" foi uma autêntica dor de cabeça que a ERT e a União Europeia querem que morra na Secretaria ou no Parlamento Britânico, onde terá que ser ratificado.

A ERT e Portugal...

Ao observarmos a Lista de Holdings da ERT, conseguimos facilmente perceber a sua influência dentro das nossas fronteiras. Percebemos facilmente também porque a única Holding Portuguesa a estar presente é a SONAE.

Todos sabemos o que aconteceu à Portugal Telecom quando decidiu sair fora da UE para se juntar à brasileira "Oi", ou seja, foi a sua queda e a consequente queda do Grupo Banco Espírito Santo. Uma pesada multa para Portugal por esse atrevimento. Multa essa que foi encabeçada pelo Governo Neo-Liberal de Pedro Passos Coelho a mando da UE e, sobretudo, a mando da ERT.

Existem outras influências da ERT em Portugal. Todos percebemos a razão da Heineken ter comprado a Central de Cervejas; a razão da SONAE ter lançado a Optimus a pedido da Orange; a razão da LafargeHolcim e da ThyssenKrup terem impulsionado a construção de Super-Centros Comerciais e dos Estádios do Euro'2004 que estão ao abandono; a razão da BP ser a única a ter as Estações de Serviço abertas 24h por dia em pequenas cidades; a razão da esmagadora maioria das empresas usarem bases-de-dados SAP e serem consultadas pela CapGemini; a razão das prateleiras dos supermercados quase só terem produtos Siemens e Philips; a razão do desmantelamento da EDP para que a E.ON, a Engie pudessem vingar; a razão das indústria vidreira da Figueira da Foz ter sido desmantelada em prol da Saint-Gobain; a razão de ter que se implantar um Portal para a Justiça (o Sitius) pela Wolters Kluwer

Resumindo, ao contrário das 4 Nações Federais Americanas que são genuinamente uniões de Povos e de Cidadãos, a União Europeia é uma União Empresarial que reduz o Cidadão à sua condição de consumidor e de contribuinte. Em Bruxelas não somos vistos como cidadãos mas como escravos numa ditadura neo-liberal que tanto é representada por partidos de centro-esquerda como por partidos de centro-direita. Como partidos como o britânico UKIP e o francês Front National tentam ao máximo resistir às pressões da ERT e de Bruxelas e daí usarem os termos *"Independente"* e *"Nacionalista",* são considerados alvos a abater. Quando a UE não consegue fazê-lo, os seus Órgãos tentam ridicularizá-los.

Na Era Medieval, os Monarcas chefiavam os Donos dos Escravos. Cinco séculos se passaram e a escravatura aparenta estar no Passado. Sim, aparenta porque, agora, a Banca e a Finança são donas de Empresas que, por sua vez, são donas de Governos que, por sua vez, legislam leis afim de manter uma *"saudável e simpática ditadura e escravatura".*

Termino indicando que é urgente fazer acordar o Valor Humano e o Conceito de Cidadania. É urgente porque não somos escravos e não somos meros contribuintes e consumidores. Somos Cidadãos que, pelo simples facto de existirmos, merecemos o máximo de respeito e a máxima consideração. Não podemos nem devemos determinar economicamente o Valor da Vida mas é isso que está a acontecer mesmo á frente dos nossos olhos pela mão de quem é pago por nós para nos representar. Uma coisa é certa: a bem ou mal, os Valores da Cidadania vão vencer e sobrepor-se aos Valores da Economia. Repito, será a bem ou a mal...

Allemagne : « Aucun changement à la politique de la porte ouverte à l'immigration »

par Soeren Kern

Traduction du texte original: Germany: "No Change to Open-Door Migration Policy"

La Chancelière Merkel dit savoir que les Allemands sont inquiets à propos de leur sécurité personnelle : « Nous faisons tout ce qui est humainement possible pour assurer la sécurité en Allemagne » a-t-elle noté, mais elle a ajouté *:*

« l'anxiété et la peur ne peuvent influencer nos décisions politiques. »

« La Chancelière reste déterminée à poursuivre son action dans la même voie. Un refrain classique à la *Merkel suit : «Il faut une analyse exhaustive ».* — Thomas Vizthum, Éditeur politique du journal Die Welt.

« Le pays est divisé, ses citoyens sont profondément fragilisés ? 'On y arrivera !' Des agressions sexuelles contre des femmes dans les piscines et dans les Festivals ? 'On y arrivera !' Des attentats terroristes commis par des islamistes en Allemagne ? 'On y arrivera !' Une frustration et une apathie politique qui montent au sein de la population ? 'On y arrivera !' Mais qui sont ces « on » ?...Pas un mot aux citoyens qui, depuis un an, ont dû affronter les conséquences de l'avalanche des demandeurs de droit d'asile ». Pas un mot pour les communautés locales qui sont incapables de faire face au fardeau financier que représente l'obligation qu'ils ont de loger ces demandeurs. » — Éditorial du journal Junge Freiheit.

La Chancelière allemande, Angela Merkel, a rejeté les critiques faites à l'annonce de sa décision de permettre à plus d'un million de migrants, musulmans pour la plupart, d'entrer en Allemagne l'an dernier.

Prenant la parole lors d'une conférence de presse annuelle d'été à Berlin le 28 juillet, une Angela Merkel provocatrice a ignoré les critiques faites contre sa politique concernant les réfugiés et a insisté qu'il n'y aurait aucun changement de sa position de porte ouverte à l'immigration. Elle a également déclaré qu'elle n'a aucune responsabilité dans la série récente d'agressions violentes en Allemagne. L'Allemagne a été secouée par une attaque à la hache dans un train à Würzburg, une fusillade à Munich, une attaque à la machette à Reutlingen et un attentat suicide à la bombe à Ansbach, tout cela en une semaine.

Ces attaques, qui ont fait treize morts, ont toutes été perpétrées par des musulmans : trois d'entre elles par des demandeurs d'asile et une par un Germano-iranien qui nourrissait une haine envers Arabes et Turcs.

Angela Merkel, qui a interrompu ses vacances d'été pour donner une conférence de presse de 90 minutes qui a été avancée d'un mois, a réaffirmé son credo : 'On y arrivera !' («Wir schaffen das!»). Une phrase qu'elle a répétée encore et encore depuis que la crise des migrants a explosé le 4 septembre 2015, jour où elle a ouvert la frontière allemande à des dizaines de milliers de migrants bloqués en Hongrie. Elle a déclaré :

« Nous avons décidé de remplir nos obligations humanitaires. Je n'ai pas dit que ce serait facile. J'ai dit alors, et je le redis maintenant, que nous pouvons gérer notre tâche historique – et il s'agit d'une épreuve historique dans une période de globalisation – comme nous avons déjà géré tant de choses. L'Allemagne est un pays fort. »

Angela Merkel a déclaré que le but des djihadistes est de *« détruire notre unité et de saper notre mode de vivre. Ils veulent nous empêcher d›être ouverts et d›accueillir les gens. Ils veulent semer la haine et la peur entre les cultures et aussi les religions. »*

La Chancelière a dit savoir que les Allemands sont inquiets à propos de leur sécurité personnelle : « *Nous faisons tout ce qui est humainement possible pour assurer la sécurité en Allemagne »* a-t-elle noté, mais elle a ajouté : *« l'anxiété et la peur ne peuvent influencer nos décisions politiques. »*

Angela Merkel a également tracé les contours d'un plan en neuf points destiné à augmenter la sécurité en Allemagne : 1) un système d'alerte rapide pour identifier la radicalisation de migrants 2) une augmentation du personnel des agences de renseignement allemands 3) un bureau de technologie de l'information qui mettra l'accent sur la surveillance des communications entre les djihadistes par Internet 4) des exercices communs réguliers entre la police et l'armée pour s'entraîner en matière de mesures anti-terroristes 5) une recherche accrue sur le terrorisme et la radicalisation islamiques 6) une coopération européenne meilleure pour le partage des renseignements 7) restreindre la vente d'armes sur Internet 8) un registre national pour surveiller les gens qui entrent dans le pays ou le quittent et 9) faciliter l'expulsion des demandeurs d'asile qui enfreignent la loi.

Angela Merkel a conclu en refusant de bouger d'un pouce : *« En ce qui me concerne il est clair que nous nous en tiendrons à nos principes. Nous donnerons refuge et la protection de la Convention de Genève à ceux qui sont persécutés pour des raisons politiques. »* Elle ajoutait : *« Je ne peux pas vous promettre que vous ne devrez jamais accueillir une autre vague massive de réfugiés. »*

La Chancelière Angela Merkel (à gauche) rejette les critiques contre sa décision de permettre à plus d'un million de migrants – des musulmans pour la plupart- d'entrer en Allemagne l'an dernier. *« Nous pouvons gérer notre tâche historique,... on y arrivera.... L'anxiété et la peur ne peuvent influencer nos décisions politiques » dit-elle lors d'une conférence de presse du 28 juillet, ajoutant : « Je ne peux pas vous promettre que vous ne devrez jamais accueillir une autre vague massive de réfugiés. »*

Angela Merkel est de plus en plus critiquée pour sa façon de gérer la crise de l'immigration. Le parti anti-immigration, Alternative pour l'Allemagne (AfD), a noté :

« Compte tenu du fait qu'il y a une augmentation d'incidents extrêmement graves, l'Afd demande au gouvernement de remplir ses devoirs de toute urgence et de stabiliser la situation sécuritaire en Allemagne en ayant des contrôles effectifs aux frontières. D'autres mesures comme l'expulsion immédiate et cohérente des contrevenants doivent nécessairement suivre. »

Le journal Bayerkurrier, que pulbie l'Union chrétienne-sociale (CSU), parti bavarois frere de l'Union chrétienne-démocrate (CDU) a écrit :

« Non seulement la politique d'Angela Merkel a-t-elle été un programme de relance pour les populistes de droite, mais les risques sécuritaires que la chancelière a créés avec son ouverture des frontières sont on ne peut plus clairs. »

Le journal Die Welt a écrit que la répétition par Merkel des mots « on y arrivera !» revenait à une « provocation » et a qualifié son plan en neuf points de « vague ». Dans une attaque cinglante, l'éditeur politique du journal, Thomas Vitzthum, a dit :

« Angela Merkel maintient totalement ses positions. Elle défend ses actions de l'an dernier. On ne l'entend admettre aucune erreur. Et personne ne peut s'attendre à un quelconque repentir à l'avenir. La chancelière reste déterminée à poursuivre son action dans la même voie. Ce n'est pas le moment aujourd'hui de discuter de quelles mesures nouvelles devraient être prises, dit-elle. Un refrain classique à la Merkel suit : «Il faut une analyse exhaustive ».

Dans un éditorial, le journal de droite, Junge Freiheit a écrit :

« Le pays est divisé, ses citoyens se sentent profondément fragilisés ? 'On y arrivera !' Des agressions sexuelles contre des femmes dans les piscines et dans les Festivals ? 'On y arrivera !' Des attentats terroristes commis par des islamistes en Allemagne ? 'On y arrivera !' Une frustration et une apathie politique qui montent au sein de la population ? 'On y arrivera !'

*« Mais qui sont ces « on » ?...*Pas un mot de Merkel. Pas un mot pour les femmes qui ont été victimes d'agressions sexuelles à Cologne et ailleurs – les victimes de ceux que Merkel a amenés dans le pays avec sa politique d'ouverture des frontières et son visage amical.

« Pas un mot aux citoyens qui, depuis un an, ont dû affronter les conséquences de l'avalanche des demandeurs de droit d'asile. Pas un mot pour les communautés locales qui sont incapables de faire face au fardeau financier que représente l'obligation de loger ces demandeurs. Pas un mot pour la police, qui a atteint ses limites grâce à cette immigration incontrôlée. Pas un mot pour les banques alimentaires qui sont obligées de rationner la nourriture à cause des bagarres lors des distributions. Pas un mot sur la fracture de la société qu'a provoquée la politique de Merkel pour les réfugiés – pas une fracture uniquement dans le pays mais aussi des fractures dans les familles et parmi les groupes d'amis. Pas un mot sur le fait que ses décisions ont réduit l'influence de l'Allemagne en Europe. »

Le journal Bild a écrit :

« Les choses ne peuvent aller bien que si les problèmes sont vraiment résolus ! En particulier l'expulsion des demandeurs d'asile dont la demande est rejetée et ce qui est un problème majeur. Pendant des mois le gouvernement s'est engagé à accélérer les rapatriements mais très peu de progrès ont été faits. Par ailleurs, pour que le plan en neuf points combatte le terrorisme, il faut voir des actes plutôt que de se borner à attendre et à parler ! Parce que d'ici l'été prochain les Allemands jugeront Merkel sur ce qu'elle aura vraiment fait. »

Selon un récent sondage deux-tiers des Allemands s'opposent à un quatrième mandat pour Angela Merkel. Seulement 36% des sondés ont déclaré vouloir que Merkel et son CDU conduisent le gouvernement après les élections fédérales de 2017.

Soeren Kern est Associé principal de Gatestone Institute qui est basé à New York. Il est également Associé principal pour la politique européenne du Estudios Estratégicos / Groupe d'Études Stratégiques basé à Madrid. On peut le suivre sur Facebook et Twitter. Son premier livre Global Fire, - Incendie Mondial - sera publié en 2016.

O FUTEBOL, ESSE FENÓMENO…

"Não se deve confundir a esfera armilar
com a bola do Ronaldo…"
Leal Henriques
(Técnico de voo com quem tive o gosto de voar).

Passada a *"histeria"* colectiva que perpassou pelo país, durante o campeonato europeu de futebol 2016, existe alguma serenidade para meditar sobre este fenómeno social, que move e apaixona multidões.
E, neste ponto, há desde já, uma constatação a fazer: o futebol deve ser o único desporto que atrai milhares de pessoas sem que estas alguma vez o tenham praticado; o exemplo disso é a assistência aos jogos, por um número cada vez maior de mulheres.

Ou seja o futebol de um simples desporto passou a fenómeno/festa social, daí (os factores inter-relacionam-se) a negócio de biliões e a aproveitamento mediático e publicitário, massivo foi, de aritmético a exponencial em três décadas.
Por isso logo se transformou em aproveitamento político cada vez mais elaborado.
Neste âmbito, se pensarmos na União Europeia, existe uma contradição de monta, que poucos terão equacionado, e que é esta: como é que se pode fugir para a frente com o "*mais Europa"* e o *"federalismo europeu"* e continuar com este folclore de campeonatos onde se tocam constantemente os hinos dos diferentes países e os mais apaixonados se mascaram com os símbolos nacionais (embora desrespeitando-os mas, enfim, isso é outra discussão)?
E quando houver uma *"Europa Unida"* – o que se Deus e a Geopolítica quiserem jamais ocorrerá – como é que se vai continuar com um campeonato europeu de futebol (ou outro)?

Infelizmente o futebol para além deste clima de festa, tem o seu lado escuro, o lado da corrupção, dos negócios ilícitos, das tricas constantes, etc., como profusamente vem documentado quase diariamente nos órgãos de comunicação social.
Ora salvo melhor opinião, o futebol devia ser apenas um desporto e nada mais do que isso, não fazendo sentido o dinheiro que nele se verte; as dívidas astronómicas dos clubes; os honorários pornográficos de treinadores e jogadores; a vigarice com a outorga de nacionalidade, etc..
Com o "mercado" que para aí vai, o que é que distingue umas equipas das outras? E podem considerar-se como sendo de um país ou de outro, ou apenas amálgamas de nacionalidades?
E não seria mais interessante e útil pôr os jovens a jogar futebol do que andar a alimentar treinadores de bancada e comentadores desportivos?
Dizem, porém, que é disso que a "malta" gosta, mas se a maioria das pessoas passasse a gostar de caca de passarinho, também era disso que se lhes passava a dar? (No evangelho do dia 24, uma parábola justificava a destruição de Sodoma e Gomorra, por nelas, Deus não ter encontrado 10 justos…).
Bom, mas o que interessa é que Portugal ganhou – também com o investimento já feito no futebol, já se justificava. Façamos contas: qual terá sido a actividade em que, como sociedade, nos tenhamos empenhado mais, em termos relativos? Na investigação científica? Na Cultura?
Nas Forças Armadas? Na Pesca? No Serviço Nacional de Saúde? Em formar diplomatas?

Não creio que alguma delas supere o futebol, mas responda quem souber.
Apesar de tudo a vitória foi merecida e toda a equipa foi humilde e, por uma vez, jogou com a cabeça! Teve um sabor ainda especial, por derrotarmos alguns adversários de mau porte.
Felizmente que, simultaneamente, fomos campeões de hóquei em patins, e outros atletas conseguiram medalhas em ginástica, vela e atletismo, etc., o que melhorou sobremaneira o conjunto dos eventos.
Embora não devamos engalanar em arco pois o nível médio de preparação e educação física da generalidade da população, bem como o número de praticantes federados, deixa muito a desejar.
Mas ganhámos e isso deixa tudo o resto para trás: o verdadeiro massacre mediático que envolveu o euro 2016; o frenesim das altas figuras do Estado em quererem passar umas por cima das outras (não era melhor fazer uma escala?), para assistirem aos jogos da selecção, como se disso dependesse a salvação pública ou, já agora, o pagamento da divida! (e vejam se para a próxima combinam antes, quem paga…).

E claro, já ninguém se lembra das graves acusações que políticos da moda faziam ao "Estado~
Novo" e ao Professor Salazar, sobre o "ópio do povo" que, no entender deles, representava então o futebol (para já não falar em Fátima e no Fado, que graças a Deus, continuam de boa saúde!).
Lá se condecorou a rapaziada toda, com uma comenda, o que não estando mal, convém manter alguma contenção, senão passaremos a condecorar qualquer aluno que passe no exame da 4ª classe (quando houver), ou o cidadão da 3ª idade que atravesse a rua com sucesso…

Mesmo o grave acidente ocorrido com o C-130 da Força Aérea, que causou três mortos, precisamente no dia em que a selecção de futebol regressava à Pátria, com honras de escolta aérea por F-16, desde que entraram no espaço aéreo nacional, desviou por um momento as atenções de todos.
Compreende-se: os militares apenas cumprem as suas missões "firmes e hirtos e voltados para a frente", para o caso de um dia necessitarem de combater e, eventualmente, morrer na defesa dos que pulavam nas ruas. Que reconhecimento ou alegria é que isso lhes pode trazer?

Verdadeiramente notável, contudo, foram três ocorrências, que mereceram muito menor relevo, o que apenas encontra explicação no desvario moral e ideológico em que vivemos.
Refiro-me à carta em que o treinador nacional Fernando Santos agradeceu a Deus a vitória obtida; o entusiasmo e orgulho dos emigrantes e as reacções de júbilo e euforia da alma portuguesa que deixámos nos antigos territórios que colonizámos.
Fernando Santos tinha escrito uma carta um mês antes do final do campeonato e leu-a no dia da vitória. O inusitado foi o agradecimento acima de todos a Deus Pai e à Virgem Maria (Padroeira de Portugal desde 1646…), pelo sucesso obtido.
Inusitado por ser raro, em pleno século XXI um Homem fazer tal invocação em público, mesmo num país de maioria cristã e católica. E que anda muito esquecido disso.

Foi uma evocação espiritual no meio do materialismo mais insano.
Depois temos o orgulho dos emigrantes.
Não há memória da nossa gente criar problemas em qualquer local para onde vá. É afável, humilde, trabalhadora, cumpre as leis (o que nem sempre faz no seu país) e integra-se em qualquer sítio, seja no sertão de África, nos gelos do Canadá ou nos confins da China.
E faz isto tudo sem perder a sua personalidade própria.
Quando se juntam, dá-se-lhes uma *"saudade do caraças",* da " santa terrinha" e aí descobrem que são portugueses dos quatro costados e patriotas invictos, entre o furioso e o lamechas – coisa que quando vivem em Portugal não se dão conta (falam até mal de tudo), mesmo quando nunca o deixaram de ser!
Em alguns casos, nomeadamente em países europeus, alguns sofrem enxovalhos ou ouvem dizer mal da sua terra, a maioria das vezes por alimárias que não sabem do que falam.
De modo que a juntar ao bacalhau, ao salpicão, ao tinto e restante parafernália gastronómica, se lhes atiram com umas cançonetas que lhes soem bem no ouvido e uns eventos desportivos, em que o futebol é rei, então aquela alminha lusitana transborda que é um gosto vê-la.

Há que continuar assim.

Finalmente as repercussões deste evento nos antigos territórios ultramarinos onde ninguém perguntou a ninguém, se queriam deixar de ser portugueses, as manifestações de alegria e contentamento, foram transversais nas diferentes sociedades apenas com as excepções habituais nos transviados ideológicos e cleptocratas reinantes.

Se hoje se fizesse naquelas partes que Portugal já foram, um referendo isento, não tenho dúvidas que a maioria das populações votaria por uma portugalidade assumida.
Deve ser por isso que uns adiantados mentais da Camara de Lisboa, querem eliminar os brasões das antigas províncias ultramarinas nos jardins da Praça do Império (que também deve mudar de nome…), em Belém!

A CPLP tem muito para andar, mas não lhe querem dar asas…
O caso mais impressionante foi as imagens colhidas em Malaca.
O estandarte real português só esteve hasteado nesta cidade durante 130 anos (1511-1641) e a permanência esteve longe de ser pacífica. Depois de nós vieram os holandeses e os ingleses (em 1759) (que de um modo geral todos os colonizados por eles, detestam), até que se tornou independente, integrada na Malásia, em 1957.

Apenas existem duas pequenas aldeias de pescadores que albergam os descendentes de portugueses, a que o Terreiro do Paço tem dedicado o maior dos desprezos. Pois foi esta gente e alguns turistas lusos e outros que por lá andavam, que vibraram com a vitória das cores nacionais.
Não me parece que estes exemplos se passem com mais ninguém…
Este é um capital único que nos resta.

Confesso que toda a porcaria à volta do futebol me chateia e só não me absorto do que se passa porque o dilúvio mediático não mo permite. Mas confesso também, que ao ver a selecção portuguesa jogar, não consigo evitar que os pêlos do peito se ericem e o sangue corra mais rápido nas veias.
Apesar de o futebol ser apenas um desporto, não deixa de vir ao de cima os velhos brios que nos vêm de Ourique. Enfim, fenómenos.

João José Brandão Ferreira
Oficial Piloto Aviador

Hillary Clinton financée par la cimenterie Lafarge qui travaillait avec l'Etat Islamique : une bombe dans la campagne présidentielle américaine ?

Médias-Presse-Info

Wikileaks vient de dévoiler des documents montrant les liens entre Hillary Clinton, candidate à la Maison Blanche, et la multinationale Lafarge spécialisée dans la cimenterie et accusée… d'avoir financé l'Etat Islamique.

Selon *« The Canary »*, la société Lafarge apparaît parmi les donateurs réguliers auprès de la Fondation Clinton. En outre, selon le même média américain, Hillary Clinton figurait parmi les administrateurs de Lafarge de 1990 à 1992 et avait déjà commencé à travailler pour service juridique de la filiale américaine de Lafarge dans les années 1980. Durant cette période, l'entreprise Lafarge avait déjà été accusée de liens avec la CIA pour faciliter l'exportation d'armes de façon secrète. Ces différentes révélations au sujet des liens entre Hillary Clinton et l'entreprise de cimenterie Lafarge font scandale car… Lafarge a entretenu des liens très étranges avec l'Etat Islamique.

Les accusations portées contre la cimenterie Lafarge, d'origine française, pour financement supposé du groupe djihadiste avaient été révélées par le journal Le Monde qui a publié des documents, y compris des courriels, sur les payements effectués par la société aux djihadistes afin que l'entreprise puisse continuer à travailler tranquillement dans la Syrie en guerre. *« Pour éviter la destruction de son usine de ciment en Syrie, Lafarge aurait payé une 'taxe aux terroristes »* La multinationale Lafarge a également été accusée d'acheter du pétrole aux djihadistes.

Le groupe Lafarge si généreux avec la Fondation Clinton aurait donc, selon le journal Le Monde, négocié avec le groupe État islamique pour que sa cimenterie de Jalabiya en Syrie continue de produire entre 2013 et 2014. Le cimentier français Lafarge, qui a fusionné l'année dernière avec le suisse Holcim pour devenir le numéro un mondial du secteur, aurait payé au prix fort le passage de ses camions tant pour l'approvisionnement du site d'une capacité annuelle de 3 millions de tonnes que pour la circulation du ciment.

Des courriels envoyés par la direction de Lafarge en Syrie, publiés en partie par le site syrien proche de l'opposition Zaman Al-Wasl confirment les arrangements de Lafarge avec l'Etat Islamique pour pouvoir poursuivre la production jusqu'au 19 septembre 2014. Pour ses approvisionnements, Lafarge passait par des intermédiaires et des négociants qui commercialisaient le pétrole raffiné par l'Etat Islamique, contre rétribution.

Ces révélations n'avaient pas empêché la mairie de Paris de conclure un partenariat d'entreprise avec Lafarge pour fournir le sable de Paris Plage cet été. Donald Trump s'est étonné du silence de CNN au sujet de toute cette affaire.

Cinq témoins embarrassants pour Hillary Clinton trouvent la mort en quelques semaines

Médias-Presse-Info

Quand on se présente aux présidentielles américaines et qu'on traîne des casseroles multiples, heureusement qu'on a un bon génie qui s'emploie à éliminer d'une manière ou d'une autre les obstacles gênants.

C'est ainsi que 5 personnes, dont le témoignage sous serment et les révélations dans les médias étaient de nature à mettre fin à la candidature d'Hillary Clinton, dont 2 l'auraient envoyée moisir derrière les barreaux, sont mystérieusement décédées dans des conditions plus que suspectes. Un suicidé, quand même. Pour les autres, la justice se pose des questions.

Le hasard fait bien les choses pour cette candidate. Elle n'aura plus qu'à être élue et venir pourrir notre vie aussi avec des champignons atomiques un peu partout jusque près de chez vous. Le petit Poucet semait les cailloux, elle, Hillary Clinton, sème les morts derrière elle pour arriver au pouvoir. Chacun son style.

Hillary-Clinton-mort-témoins-genants

- Voilà les personnes qui viennent de mourir pour cette belle cause dans les 4 dernières semaines :

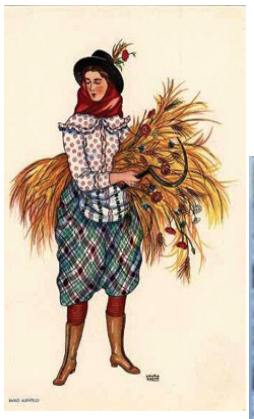
- Shawn Lucas, un supporter de Sanders qui a aidé à dévoiler le trafic des 50% de voix qui étaient allées à Sanders à la DNC, mort le 2 Août 2016. Le trafic a été prouvé, ce qui rend furieux les millions d'électeurs démocrates qui avaient voté pour Sanders à la DNC et qui ont promis de ne pas voter pour Clinton le jour du vote. C'est la menace numéro 1 qui pourrait faire perdre la mégère.

- Victor Thorn, un écrivain qui a écrit sur elle des choses pas gentilles, mort d'un suicide en Août 2016. Puni pour sa prose.

- Seth Conrad Rich, un membre qui travaillait au Parti Démocrate âgé de 27 ans, mort sur le chemin qui le menait aux bureaux du FBI où il allait faire des révélations. L'enquête a conclu à un meurtre, le 8 Juillet 2016. De quoi se mêlait-il, celui-là ?

- John Ashe, un membre officiel de l'ONU qui avait un rendez-vous au FBI pour témoigner contre Hillary Clinton et le parti démocrate. Lui n'a pas résisté à un éclatement de la gorge en soulevant des haltères. Ça a failli arriver à James Bond dans un de ses films. John Ashe est mort le 22 Juin 2016. Comme quoi le sport c'est dangereux, c'est pourquoi il faut en faire le moins possible.

- Mike Flynn, (Big Government Editor for Breitbart News). L'ultime article de Mike Flynn fut publié le jour même de sa mort, et s'appelait : « L'argent des Clinton : Bill et Hillary ont créé leur propre fondation chinoise pour eux-mêmes en 2014 ». On comprendra qu'il a bien mérité son sort, le méchant. Accuser les Clinton de détournement d'argent, vous n'y pensez pas ! Mort le 23 Juin 2016.



Le liège du Portugal

Les arbres peuvent vivre 200ans.
Il faut compter 25 ans pour la première extraction

Les arbres peuvent vivre 200ans.
Il faut compter 25 ans pour la première extraction

Les Cagots

Par Maria Fernanda Pinto/Paris

Cagot. Quand j'ai vu ce nom dans un journal de province, je me suis souvenue adolescente, à Lisbonne, d'avoir entendu appeler une femme de **cagota**.

Mon étonnement quand j'ai découvert qu'à Montgaillard, comme d'autres villages des Pyrénées, ont connu au moyen âge et jusqu'au XIXe siècle une race «maudite» (dans le livre), dont l'origine reste mystérieuse. Ces gens vivaient parqués dans des quartiers spéciaux.

À Montgaillard par exemple, au nord du village ils existent des rues qui s'appellent aujourd'hui *«rue des cagots».* Si l'origine des cagots reste incertaine (on a parlé des descendants de peuples vaincus, comme les Sarrasins ou les Wisigoths), assimilés aussi aux lépreux et aux pestiférés.

Pour éviter de se transmette leur éventuelle maladie, les cagots étaient cantonnés dans les métiers du bois (bûcherons, charpentiers), car on pensait que le bois ne transmettait pas de maladies.

Si le terme *« cagotz »* n'apparaît qu'en 1551 dans *«fors et coutumes du Béarn»,* on dit aussi que le mot ne vient pas *«chien de goth»,* comme on peut lire ça ou là, mais de la racine «cac» qui signifie sale ou laid (caca, cacophonie). En occitan, aller aux toilettes se dit «caguer».

Dans le Sud-Ouest de la France, un **cagot**, au féminin **cagote,** était aussi appelé ***agote***, sur l'autre versant des Pyrénées, en Espagne. Il s'agissait de termes dépréciatifs qui désignaient des groupes d'habitants, exerçant des métiers du

bois, ou du fer, frappés d'exclusion et de répulsion dans leurs villages surtout en Gascogne entre le XIIIe siècle et les temps modernes.

« Allah Akbar » tagué sur la statue d'un saint

in International, Italie / by Francesca de Villasmundo

« Allah Akbar« , le cri de guerre des djihadistes et de tout bon musulman a été tagué sur la statue de Saint Petronio, place Ravegnana. Tracé avec un spray de couleur blanche indélébile, c'est le signe d'une cohabitation multi-ethnique difficile dans une ville soumise à l'immigration-invasion, d 'origine mahométane.

La police mène une enquête facilitée par les vidéos-caméras de surveillance présente sur la zone. Et l'archidiocèse de Bologne s'est exprimé contre cette offense religieuse… au nom d'Allah : il condamne *« fermement cet acte de celui qui a dégradé par un écrit provocateur le piédestal de la statue de San Petronio, symbole civil et religieux de la cité. User le nom de Dieu pour offenser les autres, est un blasphème. »*

Et il continue par une admonestation philanthropique et confraternelle, au nom du Pas d'amalgame : *« Le devoir de retrouver les responsables incombe aux autorités préposées. A tous les citoyens nous demandons en revanche de ne pas croire à des logiques d'opposition, et plutôt d'affirmer les raisons de la collaboration, entre tous, pour une cohabitation pacifique. »*

Oh le vilain mot de *« collaboration »*… avec des envahisseurs pas du tout-à-fait pacifiques !

Réfugiés dans les montagnes des Pyrénées, les cagots ont vécu comme des parias. Leur particularité ? Ou plutôt leur malédiction ? Appartenir à une race qui les excluait par la naissance de la société. Plus considérés comme des bêtes que comme des hommes, ces cagots vivaient à l'écart, dans leurs cagoteries. Et cela dès 1300 jusqu'au début du XXe siècle. Jean-Jacques Rouch, longtemps journaliste à *«La Dépêche du Midi», a choisi d'aborder cette destinée méconnue et pourtant historique des cagots par la voix d'un jeune juge du parlement de Toulouse. Son roman s'intitule «Jean Le Cagot. Maudit en terre d'Oc».*

Le professeur Raymond Fourasté, originaire d'Arreau, dans les Hautes-Pyrénées, bassin des cagots, a aussi rendu hommage à ce peuple persécuté pendant quelque 800 ans, en créant le ***Musée des cagots,*** *en 1989, dans le Château des Nestes, à Arreu. Depuis, une exposition permanente y est ouverte au public. «Mon but était de restituer au pays, une partie de sa mémoire», explique le professeur. Il a aussi préparé une thèse d'État qui s'intitulait : «Analyse ethnopsychologique des identités basques et pyrénéennes». Lors de ses recherches, il est tombé sur un document du XIXe siècle, écrit par le médecin anthropologue René Collignon. «Dans ce texte, il avait classé les Pyrénéens en trois groupes. Les grands. Les moyens. Les petits. Les cagots font partie des petits. Si le terme ''petit'' n'est pas un mot d'exclusion. Celui de cagot, si !», précise le professeur. Et ajoute :*

«le cagot type est plutôt blond, aux yeux bleus, et mesure entre 1 m 50 et 1 m 55. Il vit isolé en petits groupes dans les montagnes, naître cagot, c'était le rester à vie. Parias parmi les parias, les cagots ont supporté pendant des siècles le mépris des villageois. Interdiction leur était faite de vivre dans les mêmes quartiers. De marcher pieds nus. De posséder du bétail. De manipuler la nourriture. Et à l'église, ils ne pouvaient pas rentrer par la même porte que les fidèles et possédaient leur propre bénitier, le prêtre leur tend l'hostie au bout d'un bâton. Côté métiers, les cagots faisaient tout ce que ne voulait pas faire la population dominante. Ils exerçaient des métiers liés à la nature. Ils travaillaient le bois, le marbre, la pierre, l'eau. Ils étaient de très bons charpentiers, tonneliers, charrons...

En 1683, Louis XIV décide de les affranchir de leur condition de cagots, en leur accordant les mêmes droits qu'au reste de la population. Malgré cela, la ségrégation est restée de mise. Aujourd'hui, encore le tabou demeure aussi pour ceux qui en descendent et qui en ont la mémoire. Comme une indicible douleur.

«Jean Le Cagot», écrit par Jean-Jacques Rouch, ed. Privat, fut sélectionné pour le prix national du roman historique.

Arte de caçar elefantes

© Brendan McDermid / Reuters

Como se chega ao topo no banco que contratou Durão Barroso para chairman não-executivo, segundo um ex-funcionário que se demitiu desiludido com a *"cultura tóxica"* da empresa.

Mafalda Anjos
Directora Adjunta/Visão

A história do banco de investimento que contratou Durão Barroso, que faz capa da edição da VISÃO que chegou na quinta-feira passada às bancas, alimenta teorias da conspiração, mete ganância e jogos de poder, dinheiro a rodos, escândalos e escrúpulos q.b., arrependidos, denunciadores, cassetes secretas e até prostitutas contratadas para sacar negócios.

Um dos episódios mais mediáticos dos últimos anos em torno da instituição financeira foi protagonizado por Greg Smith. No mesmo dia em que se demitiu, este trader publicou no New York Times uma carta carregada de denúncias com o título *"Porque estou a sair da Goldman Sachs".* O texto daria mais tarde um livro.

Nesse texto, Greg Smith afirmou que há uma cultura tóxica enraizada na empresa e que o declínio na fibra moral daquela casa representa *"a maior ameaça à sua sobrevivência de longo prazo".* Disse ainda que viu cinco directores executivos referirem-se aos clientes como *"fantoches"*. E explicou as três formas de chegar a líder na empresa:

a) *"Executar os eixos da firma, o que se traduz em persuadir os clientes a investir nas acções ou outros produtos que estamos a tentar ver-nos livres porque não são vistos como tendo muito lucro potencial"*

b) "*Caçar elefantes".* Em inglês: levar os clientes – dos quais alguns são sofisticados e outros não – a negociar no que trouxer mais lucros para a Goldman.

c) "*Chegar a um lugar onde o trabalho seja negociar um qualquer produto opaco e ilíquido com um nome de um acrónimo de três letras."*

Em resposta à VISÃO, a Goldman diz que *"não se reconhece na firma retratada e que fez uma revisão das suas queixas, por muito vagas que fossem, não descobrindo qualquer evidência que as consubstanciasse".*

O que realmente morreu em Auschwitz?

O que se segue é uma cópia de um artigo escrito por Sebastian Vilar Rodriguez, escritor Espanhol, publicado em Jornal Espanhol.

Não necessita de muita imaginação para associar a mensagem ao resto da Europa, possivelmente ao resto do Mundo.

Percorrendo as ruas de Barcelona, de repente descobri a terrível verdade - **A Europa Morreu em Auschwitz... Matámos seis Milhões de Judeus e substituímo-los por 20 Milhões de muçulmanos. Em Auschwitz queimámos uma Cultura, Pensamento, Criatividade, Talento. Destruímos o Povo Escolhido, Verdadeiramente Escolhido porque produziram Grandes e Maravilhosas Pessoas que Mudaram o Mundo.**

A contribuição dessas pessoas é sentida em todas as áreas da vida: Ciência, Arte, Comércio Internacional e, acima de tudo, como Consciência do Mundo. Estas foram as pessoas que queimámos.

E sob a presunção de Tolerância e porque quisemos provar a nós mesmos que estávamos curados da Doença do Racismo, abrimos as portas a 20 Milhões de muçulmanos que nos trouxeram Estupidez e Ignorância, Extremismo Religioso e Falta de Tolerância, Crime e Pobreza, devidos à Relutância em Trabalhar e Orgulhosamente Sustentar as suas Famílias.

Eles explodiram os nossos Comboios e mudaram as nossas Belas Cidades Espanholas para o 3º Mundo afogando-as em Imundice e Crime. Fecham-se em apartamentos que recebem grátis do Governo, planeando a Matança e Destruição dos seus Ingénuos Hóspedes.

E isto, para nossa desgraça, trocámos Cultura por Inimizade Fanática, Habilidade Criativa para Habilidade Destrutiva, Inteligência para a Regressão e Superstição. Trocámos a Procura da Paz dos Judeus da Europa com se u Talento Para um Futuro Melhor para seus Filhos, o seu Determinado Apego à Vida porque a Vida é Sagrada, pelos que procuram a Morte para pessoas consumidas pelo desejo da Morte para si mesmos e para os outros, para as nossas Crianças e para as deles.

Que erro terrível foi feito pela pobre Europa.

Recentemente, a Grã Bretanha debateu a remoção do Holocausto do currículo escolar porque ofende a população muçulmana que pretende que nunca tenha existido. Por agora ainda não foi removido. No entanto é um presságio assustador do medo que está a dominar o Mundo e de quão fácil se está a tornar cada país ceder a esse medo.

Passaram cerca de setenta anos depois da Segunda Grande Guerra. Estetexto está a ser enviado como uma corrente em memória dos Seis Milhões de Judeus, Vinte Milhões de Russos, Dez Milhões de Cristãos e Mil e Novecentos Padres Católicos que foram Assassinados, Violados, Queimados, Mortos à Fome, Espancados, Feitos Cobaias para Experiências e Humilhados. Agora, mais do que nunca, com o Irão entre outros negando o Holocausto, que dizem ser um Mito, é imperativo fazer "*que o Mundo Nunca Esqueça".*

Este texto pretende atingir 400 Milhões de pessoas. Seja mais um Elo na Corrente de Memória e ajude a distribui-lo pelo Mundo.

Quantos anos passarão depois do Ataque ao World Trade Center até dizerem que NUNCA ACONTECEU porque ofende muçulmanos nos Estados Unidos? Se a nossa herança Judaico--Cristã ofende os muçulmanos, está na hora de fazerem as malas e mudarem-se para o Irão, Iraque ou qualquer outro país muçulmano.

France : Cette Guerre Civile qui Vient

par Yves Mamou

Maintenant, le président français réaffirme sa détermination à lutter contre le terrorisme... à l'étranger : *« nous allons accroitre notre action en Syrie et en Irak »* a dit François Hollande après l'attaque terroriste de Nice.

Qu'y aurait-il d'étonnant, si des groupes paramilitaires passaient à l'action compte tenu de l'incapacité des élites qui nous gouvernent à réagir correctement face aux dangers intérieurs et extérieurs qui le menacent ?

En France, ces élites mondialisées ont décidé que les mauvais « électeurs » étaient stupides ou manquaient trop d'éducation pour apprécier les beautés des sociétés ouvertes à des populations qui souvent, ne veulent pas s'assimiler, et même exigent de vous assimiler à elles, sous peine de vous tuer si vous n'obtempérez pas de bon cœur. Cette élite globale a fait un choix : le choix d'aller contre les vieux, les pauvres qui ont décidé progressivement de ne plus voter pour eux. Ils ont aussi fait le choix de ne pas lutter contre l'islamisme parce que les musulmans votent collectivement pour cette élite globale.

« Nous sommes au bord de la guerre civile ». Cette citation n›est pas celle d›un fanatique ou d›un malade mental. Non, elle émane du Directeur général de la sécurité intérieure (DGSI), l›un des principaux services de lutte contre le terrorisme. Patrick Calvar n'a « évoqué » le risque de guerre civile, il l'a martelé publiquement à trois reprises au moins. Le 12 juillet, il en a fait part aux membres de la commission d'enquête parlementaire *« relative aux moyens mis en œuvre par l'État pour lutter contre le terrorisme depuis le 7 janvier 2015 ».*

La police française a tiré et tué le terroriste tunisien qui a utilisé un camion bélier pour tuer 84 personnes à Nice le soir du 14 juillet.
En mai 2016, il a délivré le même message à une autre commission de parlementaires chargés de la défense nationale. « Les extrémismes montent partout et nous sommes, nous, services intérieurs, en train de déplacer des ressources pour nous intéresser à l'ultra-droite qui n'attend que la confrontation ».
Quel genre de confrontation ? *« Des affrontements intercommunautaires »* a-t-il répondu – un terme poli pour évoquer *« une guerre contre les musulmans ».* Et il a ajouté, *« encore un ou deux attentats et elle [la guerre civile] adviendra ».*

En février 2016, face à une délégation sénatoriale sur le renseignement, il a dit « *nous surveillons aussi des groupes extrémistes à l'opposé du spectre (islamiste), qui n'attendent que de nouveaux actes terroristes pour engager une confrontation violente ».*
Personne ne peut prédire que le camion terroriste qui a labouré la foule du 14 juillet à Nice tuant plus de 80 personnes sera le déclencheur de cette guerre civile. Mais il peut être intéressant d'étudier de près l'ensemble des causes qui pourraient participer à l'émergence d'une guerre civile en France, mais aussi dans d'autres pays comme l'Allemagne ou la Suède.

La raison principale est la faillite de l'Etat.

1. La France est en guerre, mais l'ennemi n'est jamais nommé.

Depuis 2015, la France est la cible d'attaques islamistes à répétition. Parmi les bains de sang les plus importants, on compte l'attaque contre Charlie Hebdo et l'Hypercacher de Vincennes (2015) ; le Bataclan, les restaurants alentour et le Stade de France (2015), la décapitation d'Hervé Cornara (2015), l'attaque faillie contre le train Thalys (2015), l'assassinat des deux policiers à leur domicile de Magnanville (2016), et maintenant l'attaque au camion bélier le soir du 14 juillet à Nice.

La plupart de ces attaques ont été commises par des Français musulmans : des citoyens de retour de Syrie (les frères Kouachi contre Charlie Hebdo), ou des Français islamistes résidant en France (Larossi Abballa qui a tué une famille de policiers à Magnanville) qui proclament ensuite allégeance à l'Etat islamique. Le tueur au camion était Tunisien, mais marié à une Française, trois enfants, vivant tranquillement à Nice jusqu'à ce qu'il décide d'assassiner plus de 80 personnes et d'en blesser gravement plus de 200.

A chacun de ces tragiques épisodes, le chef de l'Etat, le président François Hollande, a refusé de nommer l'ennemi, refusé de nommer l'islamisme – et plus spécialement refusé de pointer du doigt les Français islamistes – comme les ennemis de tous les citoyens français.

Pour Hollande, l'ennemi est une abstraction *: « terrorisme »* ou « *fanatiques »*. Même quand le président ose nommer l'islamisme comme ennemi, il refuse d'en tirer les conséquences et de fermer toutes les mosquées salafistes, interdire le salafisme et les Frères musulmans (ainsi que leurs mosquées et organisations), raccompagner les prêcheurs de haine à la frontière et bannir le voile dans la rue comme à l'université. Non, au lieu de cela, le président français réaffirme sa détermination à combattre militairement l'ennemi... à l'étranger. « Nous allons renforcer nos actions en Syrie et en Irak » a dit le président au lendemain de l'attaque de Nice.
Pour le chef de l'Etat, le déploiement de soldats en armes sur le territoire national n'obéit qu'à une raison défensive. Il ne s'agit en aucun cas de réarmer la République contre un ennemi intérieur.
Face à cette faillite de nos élites – en principe élues pour piloter le pays à travers un océan de périls nationaux et internationaux -, comment s'étonner que des groupes paramilitaires s'organisent de leur côté pour des actions de représailles ?
Le sociologue Mathieu Bock-Côté qui enseigne en France et au Canada, a parfaitement résumé la situation dans Le Figaro :

« L'islamisme (..) vient aujourd'hui tuer les Occidentaux dans leurs jardins. Les élites occidentales, avec une obstination suicidaire, s'entêtent à ne pas nommer l'ennemi. Devant des attentats comme ceux de Bruxelles ou de Paris, elles préfèrent s'imaginer une lutte philosophique entre la démocratie et le terrorisme, entre la société ouverte et le fanatisme, entre la civilisation et la barbarie ».

2. La Guerre Civile a déjà Commencé, mais Personne n'Ose le Dire

La guerre civile a commencé il y a seize ans, avec la seconde Intifada. Quand les Palestiniens se sont faits kamikazes à Tel Aviv et Jérusalem, les Français musulmans ont commencé à terroriser les juifs qui vivaient paisiblement en France. Seize ans durant, les juifs – en France - ont été agressés, attaqués, torturés et poignardés par des Français musulmans au nom des « souffrances » palestiniennes en Cisjordanie et à Gaza.

Quand un groupe de citoyens français dont tous les membres ont la particularité d'être musulmans entreprend de déclarer la guerre à un autre groupe de citoyens français qui tous ont la particularité d'être juifs, comment faut-il appeler cela ?
Pour l'establishment français, il ne s'agissait pas d'une guerre civile mais d'un regrettable manque de communication entre deux communautés « ethniques ».
Jusqu'à aujourd'hui, personne n'a voulu établir un lien entre ces attaques contre les juifs et le meurtre de masse contre une foule indiscriminée à Nice. Personne n'a osé classer ces violences sous le nom générique qu'elles devraient porter depuis longtemps, celui de guerre civile.

Pour le très politiquement correct establishment français, la guerre civile ne commencera que le jour où un groupe paramilitaire entreprendra de mener une guerre de représailles contre les Français musulmans. Jusqu'à présent, personne n'ose penser ni dire que les attaques de juifs par des Français musulmans, les attaques des journalistes de Charlie Hebdo par des Français musulmans, la décapitation d'Hervé Cornara par un Français musulman, la torture à mort d'Ilan Halimi par des Français musulmans, les meurtres de soldats et d'enfants juifs à Toulouse par un Français musulman, la tentative d'extermination des passagers du Thalys ou d'une foule à Nice par un (quasi) Français musulman sont des événements de guerre civile. Pour les politiques et les médias, ces bains de sang sont à classer dans la case « catastrophe climatique », voire celle du tragique malentendu.

3. Pour la classe politique, l'ennemi n'est pas l'islamiste mais le vieux, le pauvre et le déçu qui ne vote plus pour eux.

En France, qui se plaint le plus de l'immigration musulmane ? Qui souffre le

à suivre page 14

plus de l'islamisation des communautés musulmanes implantées en France ? Réponse : les Français au carré (ceux dont les deux parents sont nés en France) qui vivent à proximité de leurs concitoyens musulmans, qui souhaitent pouvoir boire un alcool au comptoir d'un café tout en dégustant un sandwich jambon beurre (sans pouvoir le faire) et qui n'ont pas les moyens d'émigrer vers des zones plus conformes à leur forme de diversité.

Conséquence logique, des millions de pauvres et de vieux sont prêts à élire Marine Le Pen à la présidence de la République parce que le Front National est le seul parti qui entend combattre l'immigration illégale.

Ces vieux et ces pauvres qui s'apprêtent à voter pour le Front National sont devenus les ennemis de l'élite actuellement au pouvoir, qu'elle soit de droite ou de gauche. Quel discours le FN tient-il à ces populations en souffrance ? « Nous voulons restaurer la France comme la nation du peuple français ». Les vieux et les pauvres le croient, quel autre choix leur laisse-t-on ?

En Angleterre, les mêmes vieux et pauvres n'ont eu d'autre choix que d'opter pour le Brexit. Ils ont saisi le premier instrument qui leur a permis d'exprimer leur déception et leur inquiétude de vivre dans une société qu'ils n'aiment plus et au sein de laquelle ils ne se reconnaissent plus. Ils n'ont pas voté pour dire : « Tuez ces musulmans qui transforment mon pays, volent mon travail, profitent de l'argent de mes impôts ». Ils protestaient juste contre une élite mondialisée qui a entrepris de transformer radicalement la société sans les consulter auparavant.

En France, ces élites mondialisées ont déjà opéré leur choix. Elles ont décidé que les mauvais *« électeurs »* étaient trop stupides ou manquaient trop d'éducation pour apprécier les beautés des sociétés ouvertes à des populations qui souvent, ne veulent pas s'assimiler, et même exigent de vous assimiler à elles, sous peine de vous tuer si vous n'obtempérez pas de bon cœur.

Les élites mondialisées ont également opéré un autre choix : elles font cause commune contre les pauvres et les vieux qui ne veulent plus voter pour elles. Autrement dit, ces mêmes élites ont choisi de ne pas désigner l'islamisme comme ennemi parce que les musulmans eux, votent massivement pour elles.

Les musulmans d'Europe offrent en effet une grosse *« carotte »* à l'élite mondialisée : le vote collectif. En France, 93% des musulmans ont voté pour l'actuel président, François Hollande, en 2012. En Suède, 75% des musulmans suédois ont voté pour les sociaux - démocrates aux élections de 2006 ; et les études montrent que le bloc *« rouge-vert »* rassemble 80-90% du vote musulman.

4. La guerre civile est-elle Inévitable ? Oui !

Si l'establishment ne veut pas voir que la guerre civile est déjà là et que les musulmans extrémistes ont dégainé les premiers – si ce même establishment ne veut pas voir que l'ennemi principal n'est pas le Front national en France, l'Afd en Allemagne, ou les Démocrates de Suède - mais l'islamisme – alors oui, une guerre civile est plus que probable.

La France, comme l'Allemagne et la Suède, a une armée et une police assez fortes pour lutter contre l'ennemi islamiste de l'intérieur. Mais cette lutte ne peut être engagée qu'à condition de nommer l'ennemi et de s'organiser contre lui. Si cette guerre n'est pas menée, - si les citoyens autochtones sont abandonnés au désespoir, sans autre moyen que de prendre les armes et mener eux-mêmes une guerre de représailles – alors oui, la guerre civile est inévitable.

Yves Mamou, auteur et journaliste free-lance, est basé en France. Il a travaillé pendant deux décennies en tant que journaliste pour Le Monde.

La Pirogue de l'Île d'Amboine en clous de girofle

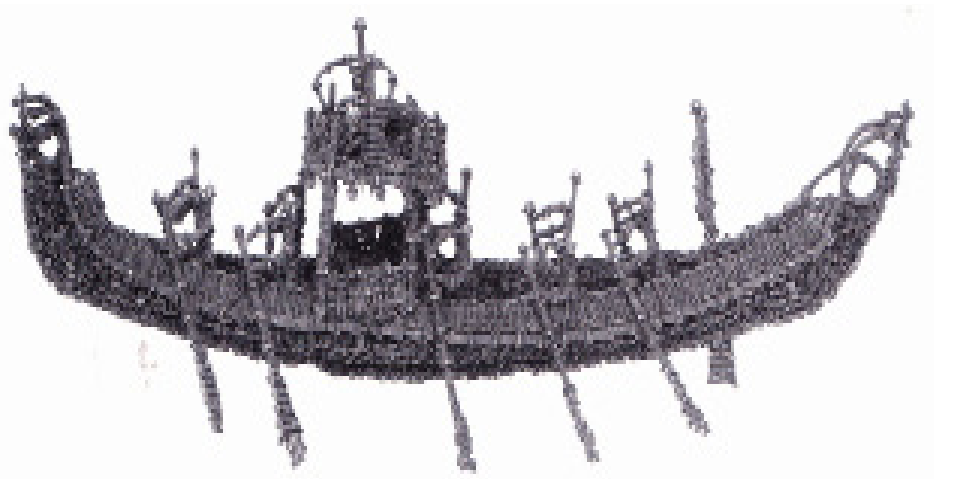
Par Maria Fernanda Pinto

L'île d'Amboine a été découverte par la flotte portugaise du vice-roi Afonso de Albuquerque, partie de Goa en Inde, en 1515.

Depuis 1481, une bulle pontificale, réserve aux Portugais le droit de s'approprier des terres à découvrir et l'obligation de les évangéliser. Le 7 juin 1494 à Tordesillas, les Rois espagnols et portugais s'entendent sur le partage du monde (Europe exceptée !), et signèrent le Traité de Tordesillas, aussitôt approuvé par le pape Alexandre VI. Les Portugais obtiennent que la « ligne de démarcation» soit déplacée plus à l'Ouest, à 370 lieues des îles du Cap Vert. En y débarquant le 22 avril 1500 par le plus pur des hasards, le navigateur portugais Pedro Àlvares Cabral va révéler l'existence du Brésil.

Mais la bulle papale et le traité de Tordesillas vont plus tard susciter l'ire du roi de France, François Ier, *«... le soleil luit pour moi comme pour les autres. Je voudrais bien voir la clause du testament d'Adam qui m'exclut du partage du monde».* Il obtient du pape Clément VII une interprétation plus souple de la bulle, admettant que le partage de 1494 ne concerne que:*« les terres connues et non les terres ultérieurement découvertes par les autres Couronnes »*. Selon le roi de France, seuls *«les lieux habités et défendus»,* relèvent de la souveraineté d'une Couronne. Auparavant l'Espagne abandonnait toute prétention sur les Îles Moluques,car *«ces îles, ne produisent autre chose que les clous de girofle... »* Les hollandais se sont emparés du commerce portugais des épices en Orient, plus spécialement, du monopole du clou de girofle. François Ier va soutenir l'expédition de Jacques Cartier, pour voir « comment naissent les girofles » ces grands arbres au feuillage pyramidal, dont toutes les parties, aussi bien les feuilles que l'écorce et le bois, sentent le girofle.

La Pirogue de l'Île d'Amboine est un objet rare que nous pouvons admirer au Musé de La Marine à Paris, entièrement faite de clous de girofle.



Camilo de Oliveira 1924-2016

BRASIL: A verdade que a média não mostra

A História Oficial do Contra Golpe de 1964

A História Oficial de 1964

Olavo de Carvalho
O Globo, 19 de Janeiro de 1999

Se houve na história da América Latina um episódio *sui generis*, foi a Revolução de Março (ou, se quiserem, o golpe de Abril) de 1964. Numa década em que guerrilhas e atentados despontavam por toda parte, sequestros e bombas eram parte do quotidiano e a ascensão do comunismo parecia irresistível, o maior esquema revolucionário já montado pela esquerda neste continente foi desmantelado da noite para o dia e sem qualquer derramamento de sangue.

O facto é tanto mais inusitado quando se considera que os comunistas estavam fortemente encravados na administração federal, que o presidente da República apoiava ostensivamente a rebelião esquerdista no Exército e que em Janeiro daquele ano Luís Carlos Prestes, após relatar à alta liderança soviética o estado de coisas no Brasil, voltara de Moscou com autorização para desencadear – por fim! – a guerra civil no campo. Mais ainda, a extrema direita civil, chefiada pelos governadores Adhemar de Barros, de São Paulo, e Carlos Lacerda, da Guanabara, tinha montado um imenso esquema paramilitar mais ou menos clandestino, que totalizava não menos de 30 mil homens armados de helicópteros, bazucas e metralhadoras e dispostos a opor à ousadia comunista uma reacção violenta. Tudo estava, enfim, preparado para um formidável banho de sangue.

Na noite de 31 de Março para 1º de Abril, uma mobilização militar meio improvisada bloqueou as ruas, pôs a liderança esquerdista a correr e instaurou um novo regime num país de dimensões continentais – sem que houvesse, na gigantesca operação, mais que duas vítimas: um estudante baleado na perna acidentalmente por um colega e o líder comunista Gregório Bezerra, severamente maltratado por um grupo de soldados no Recife. As lideranças esquerdistas, que até a véspera se gabavam de seu respaldo militar, fugiram em debandada para dentro das embaixadas, enquanto a extrema-direita civil, que acreditava ter chegado a sua vez de mandar no país, foi cuidadosamente imobilizada pelo governo militar e acabou por desaparecer do cenário político.

Qualquer pessoa no pleno uso da razão percebe que houve aí um fenómeno estranhíssimo, que requer investigação. No entanto, a bibliografia sobre o período, sendo de natureza predominantemente revanchista e incriminatória, acaba por dissolver a originalidade do episódio numa sopa reducionista onde tudo se resume aos lugares-comuns da "*violência"* e da *"repressão"*, incumbidos de caracterizar magicamente uma etapa da história onde o sangue e a maldade apareceram bem menos do que seria normal esperar naquelas circunstâncias.

Os trezentos esquerdistas mortos após o endurecimento repressivo com que os militares responderam à reacção terrorista da esquerda, em 1968, representam uma taxa de violência bem modesta para um país que ultrapassava a centena de milhões de habitantes, principalmente quando comparada aos 17 mil dissidentes assassinados pelo regime cubano numa população quinze vezes menor. Com mais nitidez ainda, na nossa escala demográfica, os dois mil prisioneiros políticos que chegaram a habitar os nossos cárceres foram rigorosamente um nada, em comparação com os cem mil que abarrotavam as cadeias daquela ilhota do Caribe. E é ridículo supor que, na época, a alternativa ao golpe militar fosse a normalidade democrática. Essa alternativa simplesmente não existia: a revolução destinada a implantar aqui um regime de tipo fidelista com o apoio do governo soviético e da Conferência Tricontinental de Havana já ia bem adiantada. Longe de se caracterizar pela crueldade repressiva, a resposta militar brasileira, seja em comparação com os demais golpes de direita na América Latina seja com a repressão cubana, destacou-se pela brandura de sua conduta e pela sua habilidade de contornar com o mínimo de violência uma das situações mais explosivas já verificadas na história deste continente.

No entanto, a historiografia oficial – repetida *"ad nauseam"* pelos livros didácticos, pela TV e pelos jornais – consagrou uma visão invertida e caricatural dos acontecimentos, enfatizando até à demência os feitos singulares de violência e omitindo sistematicamente os números comparativos que mostrariam – sem abrandar, é claro, a sua feiura moral – a sua perfeita inocuidade histórica.

Por uma coincidência das mais irónicas, foi a própria brandura do governo militar que permitiu a entronização da mentira esquerdista como história oficial. Inutilizada para qualquer acção armada, a esquerda refugiou-se nas universidades, nos jornais e no movimento editorial, instalando aí sua principal trincheira. O governo, influenciado pela teoria golberiniana da "*panela de pressão",* que afirmava a necessidade de uma válvula de escape para o ressentimento esquerdista, jamais fez o mínimo esforço para desafiar a hegemonia da esquerda nos meios intelectuais, considerados militarmente inofensivos numa época em que o governo ainda não tomara conhecimento da estratégia gramsciana e não imaginava acções esquerdistas senão de natureza insurreccional, leninista. Deixados à vontade no seu feudo intelectual, os derrotados de 1964 obtiveram assim uma vingança literária, monopolizando a indústria das interpretações do facto consumado. E, quando a ditadura se desfez por mero cansaço, a esquerda, intoxicada de Gramsci, já tinha tomado consciência das vantagens políticas da hegemonia cultural, e apegou-se com redobrada sanha ao seu monopólio do passado histórico. É por isso que a literatura sobre o regime militar, em vez de se tornar mais serena e objectiva com a passagem dos anos, tanto mais assume o tom de polémica e denúncia quanto mais os factos se tornam distantes e os personagens desaparecem nas brumas do tempo.

Mais irónico ainda é que o ódio não se atenue nem mesmo hoje em dia, quando a esquerda, levada pelas mudanças do cenário mundial, já se vem transformando rapidamente naquilo mesmo que os militares brasileiros desejavam que ela fosse: uma esquerda social democrática parlamentar, à europeia, desprovida de ambições revolucionárias de estilo cubano. O discurso da esquerda actual coincide, em género, número e grau, com o tipo de oposição que, na época, era não somente consentido como incentivado pelos militares, que viam na militância social democrática uma alternativa saudável para a violência revolucionária.

Durante toda a história da esquerda mundial, os comunistas votaram a seus concorrentes, os social democratas, um ódio muito mais profundo do que aos liberais e capitalistas. Mas o tempo deu ao *"renegado Kautsky"* a vitória sobre a truculência leninista. E, se os nossos militares tudo fizeram justamente para apressar essa vitória, por que continuar a considerá-los fantasmas de um passado tenebroso, em vez de reconhecer neles os precursores de um tempo que é melhor para todos, inclusive para as esquerdas?

Para completar, muita gente na própria esquerda já admitiu não apenas o carácter maligno e suicidário da reacção guerrilheira, mas a contribuição positiva do regime militar à consolidação de uma economia voltada predominantemente para o mercado interno – uma condição básica da soberania nacional. Tendo em vista o preço modesto que esta nação pagou, em vidas humanas, para a eliminação daquele mal e a conquista deste bem, não estaria na hora de repensar a Revolução de 1964 e remover a pesada crosta de slogans pejorativos que ainda encobre a sua realidade histórica?

Fabuloso artigo de Francisco Moita Flores

A Inglaterra foi o berço da democracia. Ensinou-a e aprofundou-a ao ponto de ter sido o farol de esperança que, praticamente sozinho, teve a audácia de enfrentar a poderosa ditadura imperialista nazi-fascista. Decidiu sair da UE. Só a hipocrisia dos poderes dominantes quer ver neste Brexit uma vitória da extrema-direita. E também da extrema-esquerda. Foi o povo quem decidiu. Em primeiro lugar contra David Cameron, que usou o cargo de primeiro-ministro para resolver os seus problemas políticos e partidários. **Esta criatura representa a esmagadora maioria de líderes europeus mais preocupados com o seu umbigo e ambições pessoais do que com os verdadeiros problemas dos seus países. Depois contra o circo de parasitas que em Bruxelas construiu a pior corte de carreiristas, de medíocres, de caciques locais reformados, de políticos fora de prazo ou que são incómodos aos dirigentes nacionais porque ousam afrontá-los em questões de carreira pessoal. Quem conhece os bastidores de Bruxelas sabe do que falo.** Do exército de burocratas e da mais tenebrosa teia de influências e compadrio que são, em si mesmos, um dos fatores de decadência da UE. É esta tribo de parasitas, de que nem conhecemos os rostos, que decide se há sanções, se há dinheiro, se podemos comer queijo da serra, quais as quotas de mercado, os destinos coletivos. Nem votámos neles. Passam as pastas técnicas aos políticos e aí começa a desgraça. Sem rasgo de génio, sem coragem, medrosos, também eles parasitas desta orgia de poder, defendem e atuam em defesa e ao serviço dessa burocracia feita de inúteis, apenas ao serviço das suas carreiras pessoais, de mal preparados, de gente que ascendeu à custa do partido e sem um único contributo positivo nos seus países de origem. Foi contra este circo que a Inglaterra votou. Contra a chulice engravatada. Esta é a estalada maior para que a UE desperte para os nobres e generosos sonhos que a criaram.

Terror e separatismo no Brasil

Fotografia: Ueslei Marcelino / Reuters

Por João Almeida Moreira

No último ano, o Brasil viveu uma tragédia ambiental, epidemias e crises política e económica sem precedentes. Não bastava.

Apesar dos pesares, leia-se, do rompimento da barragem de Mariana cuja lama engoliu cidades de Minas Gerais com a mesma velocidade com que o Vesúvio destruiu Pompeia, do aedes aegypti, que se traduz nos perigosos zika, dengue e chikungunya, e de Eduardo Cunha, o vírus que derrubou o Governo Dilma e contamina o Governo Temer, o país abençoado por Deus dava graças a Ele por, pelo menos, não padecer de dois males do hemisfério norte: os separatismos e os terrorismos.

Separatismos como aquele que, primeiro, os escoceses recusaram mas a que os britânicos, no seu todo, cederam. Ou a ideia saída da perigosa e cor de laranja cabeça de Trump de um muro a separar Estados Unidos e México, um retrocesso civilizatório de décadas. E uma outra forma de separatismo, a vergonhosa recepção do leste europeu – e não só – aos refugiados sírios – e não só.

E os terrorismos traduzidos nos atentados que mataram nos Estados Unidos, na Alemanha, na França, na Bélgica e muito mais.

Em apenas uma semana, no entanto, duas notícias aproximaram, infelizmente, o Brasil do resto do mundo.

Primeiro, a de que foi desmantelada uma célula de simpatizantes do Estado Islâmico que se comunicava, entre dez estados do país, ora festejando os atentados em Miami ou Nice, ora combinando comprar armas para cometer um acto semelhante no Rio de Janeiro, durante os Jogos Olímpicos.

Sim, era gente amadora mas, de armas na mão, amadores são tão ou mais perigosos do que profissionais. E, sim, a acção teve qualquer coisa de propaganda governamental, para mostrar músculo, mas é de facto melhor prevenir.

Em apenas uma semana, no entanto, duas notícias aproximaram, infelizmente, o Brasil do resto do mundo. A outra notícia, mais insólita, surgiu no jornal "Folha de S. Paulo": um movimento prepara um plebiscito informal com 4000 urnas espalhadas por Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná para votar a separação desses três estados, os três mais a sul do Brasil, do resto do país.

Sob a pergunta *"você quer que o Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul formem um país independente?",* o primeiro objectivo é alcançar um milhão de eleitores – 5% da população em causa – e o segundo chamar a atenção, comparando a região com casos bem sucedidos de separatismo, como o Sudão do Sul, Timor-Leste e a Eritreia, ou mal sucedidos, como a Catalunha, cuja luta serve de modelo aos sulistas brasileiros.

O historiador de uma universidade de Passo Fundo (cidade do Rio Grande do Sul) ouvido pela tal reportagem afirma que a ideia é "xenofobia absurda de descendentes de alemães e de italianos que se sentem especiais ou superiores" em relação aos compatriotas, apesar da líder do movimento, a empresária Anidria Rocha ter um apelido (sobrenome, no Brasil) mais português do que a Sé da Braga (e, portanto, brasileiríssimo).

O desejo separatista da região, uma das mais desenvolvidas do país, remonta à Revolução Farroupilha, guerra entre 1835 e 1845 contra o então governo imperial do Brasil que resultou na declaração de independência da República Rio-grandense, acontecimento ainda hoje festejado na região, apesar de ter resultado em derrota.

Ora, num país cheio de lama, mosquitos e deputados, glorificar o terror e falar em secessões é não ter mesmo mais nada do que fazer.

João Almeida Moreira escreve todas as quartas-feiras no Dinheiro Vivo

fr: je parle portugais...et vous ?
pt: eu falo português...e você ?

Apprendre à parler rapidement le portugais avec des cours gratuits en ligne.
Méthode facile et ludique, avec mp3 et pdf à télécharger
www.loecsen.com/travel/0-fr-67-3-16-cours-gratuit-portugais.html

Cours portugais gratuit – Apprendre le portugais ...
www.loecsen.com/travel/0-fr-67-3-16-cours-gratuit-portugais.html

Les Nouvelles-Casernes ouvertes au public pour la première fois en 50 ans

par Valérie Gaudreau/Le Soleil

Enclavé entre les murs du Vieux-Québec, les Nouvelles-Casernes est un bâtiment méconnu du grand public. Une situation à laquelle veut remédier la Commission de la capitale nationale en ouvrant temporairement à la population une partie de ce trésor architectural hérité du Régime français.

Des visites guidées pendant les Fêtes de la Nouvelle-France permettront aux visiteurs d'entrer pour la première fois dans ce bâtiment militaire construit entre 1749 et 1752 et inoccupé depuis plus de 50 ans après avoir successivement été utilisé sous les régimes français, britannique et canadien
.

«C'est vraiment une primeur pendant les Fêtes de la Nouvelle-France. Depuis que l'Arsenal fédéral qui logeait ici a fermé en 1964, il n›y a pas eu d›usage à ce bâtiment», a expliqué l'historienne Marie-Ève Ouellet lors d'une visite du Soleil dans ce bâtiment chargé d'histoire, mercredi.

Un édifice à l'architecture étonnante, avec son allée de pièces sur une longueur de 160 mètres pour à peine 10 mètres de largeur.

Pour la visite intitulée Incursion dans les Nouvelles-Casernes, deux étages sont ouverts au public, dans la partie la plus à l'ouest du bâtiment situé au 1, rue de l'Arsenal, tout juste devant L'Hôtel-Dieu de Québec, de l'autre côté de la côte du Palais. L'édifice se trouve d'ailleurs en plein cœur du nouveau site des Fêtes de la Nouvelle-France, qui ont quitté le Vieux-Port cette année.

Les trois pièces à visiter ont été choisies parce qu'elles représentaient le mieux la vieille partie du bâtiment qui a subi des transformations au fil des siècles. Cette section a aussi été la plus épargnée par un important incendie qui a ravagé les Nouvelles-Casernes en 1851.

«*Ces pièces sont évocatrices du passé colonial du bâtiment, et on dit souvent que c'est le plus long bâtiment qui a été construit en Nouvelle-France»,* a ajouté Mme Ouellet.

L'édifice qui fait présentement l'objet de travaux de stabilisation au coût de 20 millions $ (lire l'autre texte) est d'ailleurs marqué par les époques successives. Les trous pour tirer du canon sous le Régime français ont été bouchés par les Britanniques. Ailleurs, deux sortes de pierres indiquent qu'une porte a été rapetissée. Des fenêtres héritées de l'époque industrielle traduisent aussi l'utilisation du bâtiment comme usine de fabrication de munitions pendant les deux guerres mondiales.

«C'est vraiment un bâtiment qui a une histoire militaire très riche», résume Marie-Ève Ouellet qui prononcera d›ailleurs la conférence Les Nouvelles-Casernes : lieu phare de l›histoire militaire de la capitale à 13h30 samedi. *«Je reviendrai sur l'histoire mouvementée de ce bâtiment, les trois périodes d'occupation des Nouvelles-Casernes et aussi la vie quotidienne à l'époque où des soldats logeaient ici.»*

L'entrevue avec l'historienne se déroulait justement au deuxième étage du bâtiment, à l'endroit où se trouvait le logis de l'officier où des chambres avaient été aménagées pour loger les officiers britanniques au XIXe siècle.

Les visites des Nouvelles-Casernes sont comprises dans le prix d'accès au site des Fêtes de la Nouvelle-France. Elles durent environ 30 minutes et se déroulent par groupe d'une quinzaine de personnes.

L'idée d'un *«lieu de rassemblement»* bientôt à l'étude

Le secret est encore bien gardé sur les détails du projet, mais les Nouvelles-Casernes pourraient devenir un «lieu de rassemblement au *cœur du Vieux-Québec»* si on en croit la Commission de la capitale nationale du Québec.

On a bien hâte de voir quelle vocation sera réservée à ce bâtiment militaire issu du Régime français. Il faut dire que depuis l'annonce, en 2012, de travaux de 20 millions $ pour solidifier le bâtiment construit entre 1749 et 1752, beaucoup de tentatives ont échoué pour occuper l'édifice à l'architecture particulière.

Au premier chef, un appel de projets qui, en 2014, s'est révélé peu concluant. Certaines propositions ont été jugées irréalistes et d'autres n'auraient occupé que 10 % du vaste bâtiment à la riche histoire militaire.

Cinq critères

Après l'échec de l'appel aux idées, la CCNQ et la Ville de Québec ont décidé de développer une *«vision d›occupation»* pour laquelle une étude de faisabilité sera lancée *«au cours des prochaines semaines»*, a indiqué mercredi la porte-parole de la CCNQ, Anne-Marie Gauthier.

Cette fois-ci pourrait donc être la bonne, le projet répondant, dit-elle, aux cinq critères souhaités pour animer le bâtiment trois fois centenaire. Selon ces conditions, la vocation doit être durable, permettre la revitalisation du secteur du Vieux-Québec et la mise en valeur du patrimoine bâti, avoir une envergure nationale et rendre le bâtiment ouvert au public.

«On veut une accessibilité au public en tout temps pour que les gens puissent se l'approprier», a dit Mme Gauthier. «On veut en faire un lieu de rassemblement au *cœur du Vieux-Québec. C'est un site phare pour la capitale»,* a poursuivi la porte-parole, se gardant bien de dire quel projet mijote la CCNQ. *«On vous tiendra au courant et on vous réserve de bien belles surprises»*, a-t-elle lancé.

D'ici là, des travaux touchant la sécurité, l'étanchéité et la maçonnerie du bâtiment sont en cours de préparation pour commencer à l'automne et se poursuivre jusqu'en 2020.

Les Nouvelles-Casernes en cinq dates

1966
Construit en 1748 sous le régime français, le bâtiment militaire les Nouvelles-Casernes est cédé par les sœurs augustines au ministère de la Santé, qui en devient propriétaire par l'entremise de L'Hôtel-Dieu de Québec. Le vaste édifice est alors inoccupé et le restera jusqu'à nos jours.

Juillet 2012
La ministre libérale de la Culture Christine St-Pierre annonce l'investissement de 20 millions $ en cinq ans dans les Nouvelles-Casernes. Les travaux urgents de maintien de la structure seront effectués dans un premier temps, et la ministre indique la volonté de trouver une vocation au bâtiment historique.

Octobre 2012
Arrivé au pouvoir en septembre, le gouvernement du Parti québécois confirme par le ministre de la Culture de l'époque, Maka Kotto, que les Nouvelles-Casernes sont officiellement classées bien culturel et inscrites au Registre du patrimoine du Québec.

Mars 2013
Un accord de principe confirme la cession du bâtiment à la Commission de la capitale nationale du Québec.

Octobre 2014
Un appel de candidatures pour trouver une vocation se révèle peu concluant. La Commission de la capitale nationale élabore donc avec la Ville de Québec un projet qui devrait faire l'objet d'une étude de faisabilité sous peu. Quant aux travaux de consolidation du bâtiment, ils commenceront officiellement à l'automne 2016.

J Y M ARCHITECTURE
Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.
Technologue en Architecture
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com

ORDRE DES TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS DU QUÉBEC

12 de Julho 2016 no Museu do Combatente

Visita da Secretária de Estado da Força Aérea dos EUA ao Museu do Combatente

O general Chito Rodrigues, presidente da Liga dos Combatentes, recebeu no Museu do Combatente, a Secretária de Estado da Força Aérea, ms. Deborah Lee James, ms Heidi Grant, Secretária da Força Aérea para os assuntos internacionais, o general Lyle Cameron e a Sub-Secretária da Força Aérea, Lisa Disbrow , o oficial sénior para a Defesa em Portugal cor. Glenn "Sonny" Lemasters e uma delegação de oficiais da força aérea dos Estados Unidos.

Presentes também o presidente do Núcleo de Winnipeg (Canadá) da Liga dos Combatentes e o filho, que também foram explicando detalhes do Monumento aos Combatentes do Ultramar aos membros da comitiva.

Com visita guiada em Inglês pelo general Chito Rodrigues e Isabel Martins do marketing do Museu do Combatente, a visita decorreu em ambiente informal, tendo sido fornecidas diversas informações mediante as questões colocadas sobre a guerra do Ultramar – visita ao Monumento aos Combatentes do Ultramar – à Capela e Memorial, explicando os pormenores do restauro

dos espaços da Capela e Memorial, a ligação do Cristo das trincheiras e Cristo de Verdun à grande guerra e à Liga dos Combatentes, tendo estes detalhes sido completados pela visita à trincheira, onde se mostra a vida do soldado português nas trincheiras até à assinatura do Armistício em 11 de Novembro de 1918. Nada faria mais sentido do que mostrar-lhes a história da aviação no século XX, uma das colecções emblemáticas do Museu do Combatente com 500 modelos feitos à mão, de todos os aviões desde o dos irmãos Wright até aos drones, seguindo depois para o "paiolin" da Força Aérea Portuguesa onde admiraram a recente exposição que a Força Aérea preparou para o "paiolin" reservado a este ramo no Museu do Combatente.

O tempo escasseava, mas houve tempo para terminar com a assinatura do Livro de Honra no gabinete do general Chito Rodrigues, com troca de lembranças, com a explicação das diferentes épocas da história de Portugal espelhadas no painel gigante de Velhô, tendo acabado com uma fotografia de grupo em frente ao Monumento aos Combatentes do Ultramar.

A promessa de alguns presentes de virem com as famílias verem todas as exposições com tempo e poderem apreciar tudo o que de diferente o Museu tem para oferecer.

A Secretária de Estado da Força Aérea dos EUA, ms. Deborah Lee James, e ms Heidi Grant, Secretária da Força Aérea para os assuntos internacionais, na troca de lembranças com o general Chito Rodrigues, presidente da Liga dos Combatentes, deixaram medalhas comemorativas dos seus serviços bem como a Isabel Martins.

Isabel Martins, 12 Julho 2016

26 Julho no

Museu do Combatente… regata final e despedida da TALL SHIPS RACE

As muralhas do Forte do Bom Sucesso têm sido sempre ao longo dos séculos palco de acontecimentos importantes na história de Portugal…. Junot ficou “a ver navios” quando a família real e 15.000 portugueses fugiram para o Brasil escoltada pelos ingleses e Junot logrou o intento de os prender..

Um ano mais tarde, durante a ocupação francesa, o Forte foi ligado, por uma bateria corrida, à Torre de Belém (147 peças e 10 morteiros). Neste mesmo ano de 1808, derrotado Junot, a temida linha de defesa da barra do Tejo muda de mãos e fica agora sob o controlo dos aliados ingleses.

Durante o século XIX, o Forte presenciou episódios das Guerras Liberais, como a partida da Armada Miguelista que viria a ser derrotada por Napier, e a entrada triunfante dos liberais, em Lisboa, comandados pelo Duque da Terceira. Assistiu à partida de contingentes que, em África, defenderam a soberania dos então territórios ultramarinos.Nesta época (1870 e 1874), a Bateria do Bom Sucesso foi melhorada no seu poder de fogo, pela modernização das suas peças e paióis (Krupp L/12 280mm e Schneider 120mm). No começo do século XX, foi cenário de uma das revoltas da 1ª República (18/04/1925). Presenciou ainda a partida dos corpos expedicionários portugueses que participaram na I Guerra Mundial, na II Guerra Mundial, seguindo para os Açores e África.

O Forte foi ponto forte de defesa do rio com a sua Artilharia de Costa…e viu milhares de cartas serem entregues e serem recebidas pelos nossos militares no Ultramar, pois foi centro postal dos aerogramas….

Na nossa História mais recente, o Forte assistiu aos esforços de guerra no Ultramar (1961-1974), ao ver contingentes que partiam e chegavam, mas ainda hoje vê partir as fragatas, o submarino, as corvetas, os navios de guerra da Marinha Portuguesa, o hidrográfico Gago Coutinho, para operações de Paz e Humanitárias….

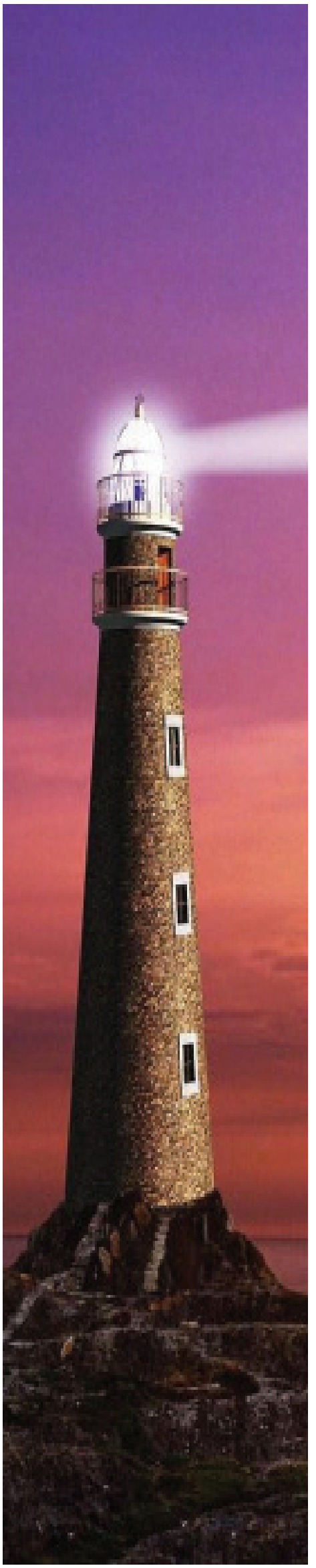
No dia 26 foi diferente…. Vimos partir dezenas de embarcações, altos veleiros com as suas velas dispostas em ramos de árvore, pequenas embarcações típicas, barcos de recreio, caravelas mais ou menos recentes, e o rio ficou juncado de cor, de sons – os navios cumprimentavam a Torre de Belém, à passagem, com as suas sirenes, os seus roncos diferentes, e entre eles mesmo estabeleciam um código musical – em alguns deles viram-se coreografias dançadas pelos tripulantes, cânticos e até a gaita-de-foles dos escoceses….

Foram 2 horas de beleza, num dia tórrido em que nem a brisa refrescava, mas que deu ânimo e encheu as almas de um espectáculo bonito, fresco, divertido….

Até ao próximo TallShipsRace… e não se esqueça, como muitos visitantes do Museu, venha ver, tirar fotos e filmar das muralhas do Forte…onde o rio foge e se espraia ao longe no Atlântico, e que Verão ou Inverno nos mostra a sua faceta suave ou dramática…

Fica o convite…..mesmo sem Altos Veleiros….

Texto e fotos de *Isabel Martins, 29 Julho 2016*



ANGOLA 9 de Agosto de 1961

A reconquista de Nambuangongo

A Reconquista de Nambuangongo!

Fez agora 55 anos que o Exército Português reconquistou a povoação de Nambuangongo, na região dos Dembos, norte de Angola, a 200 Km de Luanda, durante a operação "Viriato".
O Batalhão de Caçadores 96, do comando do TCor Armando Maçanita, o Esquadrão de Cavalaria 149, comandado pelo Capitão Abrantes e o Batalhão de Caçadores 114, sob o comando do TCor Oliveira Rodrigues, convergiram para o objectivo em três eixos distintos.
O Batalhão 96 tinha o percurso mais longo e foi reforçado por um pelotão de Engenharia comandado pelo Alferes Jardim Gonçalves.

A tenacidade e capacidade de comando do TCor Maçanita, conseguiu que fosse a sua unidade aquela que primeiro entrou em Nambuangongo, erigida como quartel – general da banditagem terrorista da UPA, após penosa marcha, vários combates e quatro mortos.
Coube ao pelotão do Alferes Santana Pereira a honra de hastear a Bandeira Nacional Portuguesa na igreja semi - destruída da vila.

O TCor Maçanita morreu na sua cidade natal, Portimão, em 17/11/2005, com 88 anos de idade.
Honra aos combatentes
Viva Portugal
(Abaixo os traidores).

João José Brandão Ferreira
Oficial Piloto Aviador